



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Viviane Corrêa de Souza

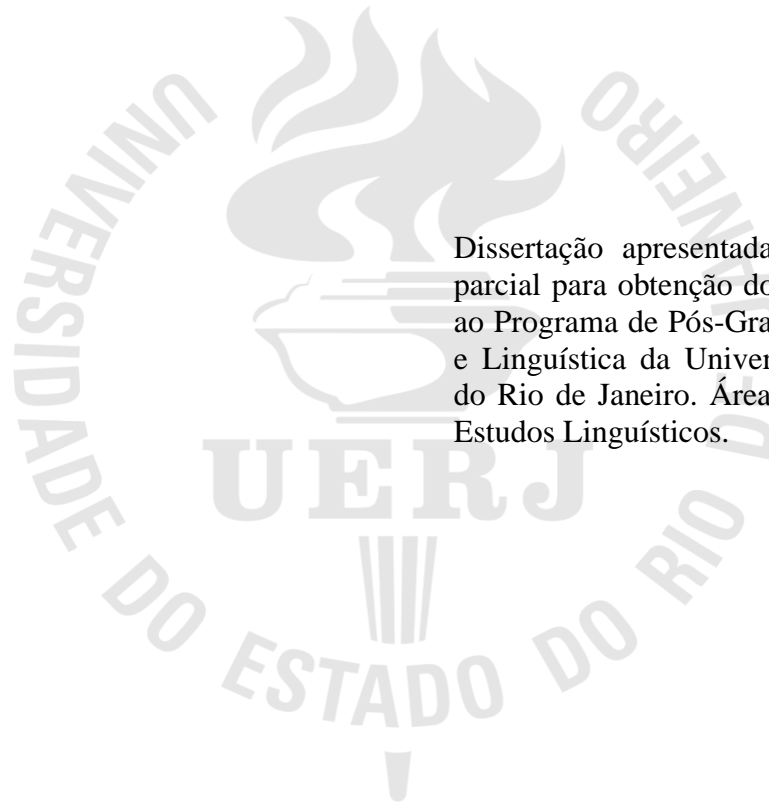
Construções adjetivas com cores: uma análise funcional centrada no uso

São Gonçalo

2021

Viviane Corrêa de Souza

Construções adjetivas com cores: uma análise funcional centrada no uso



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador (a): Prof^a. Dra. Mariangela Rios de Oliveira

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S729 TESE	<p>Souza, Viviane Corrêa de. Construções adjetivas com cores : uma análise funcional centrada no uso / Viviane Corrêa de Souza. – 2021. 61f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof^a. Dra. Mariangela Rios de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino – Teses. I. Oliveira, Mariangela Rios de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB-7 6150	CDU 801

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Viviane Corrêa de Souza

Construções adjetivas com cores: uma análise funcional centrada no uso

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 02 de março de 2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Mariangela Rios de Oliveira (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Victória Wilson
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2021

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, com quem aprendi que é preciso ter sonhos, acreditar neles e ter coragem suficiente para realizá-los.

Dedico ao meu filho, pela sua alegria e retribuição do seu carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me presenteado com saúde e por não deixar de me iluminar e me dar forças para realizar esse trabalho.

A todos os professores com os quais estudei e em especial à Professora Mariangela Rios de Oliveira, minha orientadora, pelo trabalho dedicado nas orientações. Com dedicação ajudou na produção deste trabalho e me possibilitou realizar este grande sonho.

Aos membros da banca, Professora Victoria Wilson e ao Professor Ivo da Costa do Rosário.

A Pollyana, pelo modo atencioso de ouvir todas as minhas dúvidas.

Aos colegas do Mestrado, que me apoiaram durante esta trajetória acadêmica.

Aos meus pais, que foram a força e a motivação nos momentos mais difíceis dessa caminhada e compreenderam minhas ausências e me apoiaram.

Ao meu esposo, pelo apoio e por estar sempre ao meu lado.

Ao meu filho, pela motivação da sua alegria e do seu sorriso.

À minha irmã e demais familiares, por representarem a família que admiro. Muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, participaram desse processo tão enriquecedor.

As cores da vida são feitas das suas ações, pintadas em sua alma elas se espalham pela aquarela do coração e a harmonia depende da sua forma de se doar aos acordes do tempo.

Crys Rangel

RESUMO

SOUZA, Viviane Corrêa de. *Construções adjetivas com cores: uma análise funcional centrada no uso*. 2021. 61f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Esta pesquisa tem como objetivo central o estudo das construções adjetivas com cores no português contemporâneo, a partir das análises de usos efetivos na língua. Nesse contexto, descrevemos as instanciações de *types* como **roxo de decepção**, **branco de medo** e **azul de fome**, apoiadas na perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). A LFCU concentra-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os vários contextos comunicativos em que elas são usadas. Sendo assim, essa teoria analisa as construções da língua como uma rede de relações que se efetiva no uso (TROUGOTT e TROUSDALE, 2013; CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006). Nesse sentido, ressaltamos que a microconstrução “*roxo de decepção*”, assim como as demais microconstruções citadas neste estudo, exibe um processo de mudança: de um uso mais concreto, com o adjetivo roxo na função principal de adjetivo, para um uso mais abstrato, concorrendo para intensificar os sentidos articulados. Para embasar essas análises, partimos dos *corpora* Corpus do Português e o Twitter. Adotamos a perspectiva sincrônica para a análise. Os resultados desta pesquisa mostram que a construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ apresenta-se como uma nova forma e sentido novo, tornando-se um novo nó na rede, apresentando novo conteúdo e novo formato, pertencente à classe dos qualificadores intensificadores compostos.

Palavras-chave: Funcionalismo. Linguística funcional centrada no uso. Qualificadores. Intensificadores.

ABSTRACT

SOUZA, Viviane Corrêa de. *Adjective constructions with colors: a functional analysis centered on use*. 2021. 61f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

This research has as main central objective the study of the adjective constructions with colors in contemporary Portuguese, from the analysis of effective use of the language. In this context, we describe the instantiations of types as disappointment purple, fear white and hunger blue, supported by the theoretical perspective of Use Centered Functional Linguistics (LFCU). The LFCU focuses on studying the relationship between the grammatical structure of languages and the various communicative contexts in which they are used. Thus, this theory analyses the constructions of the language as a network of relationships that is effective in use organized in use (TROUGOTT and TROUDALE, 2013; CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006). In this sense, we emphasize that the “purple of deception” micro-construction, like the other micro-constructions mentioned in this study, exhibits a process of change: from a more concrete use, with the purple adjective in the main function of adjective, to a more abstract use, helping to intensify the articulated sense. To support the analyses, we started with Corpus do Portuguese and Twitter. We adapted the synchronic perspective form the analysis. The results of this research show that the construction $[N_c \text{ de} N]_{qi}$ presents itself as a new form and a new meaning, becoming a new mode in the network, presenting new content and a new format, belonging to the class of compound intensifier qualifiers.

Keywords: Functionalism. Use centered functional linguistic. Qualifiers. Intensifiers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Classificação do Adjetivo no âmbito da Gramática Tradicional.....	13
Quadro 2 - Classificação do Adjetivo no âmbito da Gramática Descritiva.....	16
Quadro 3 - Modelo de estrutura simbólica da construção radical.....	27
Tabela 1 - Frequência <i>type</i> e <i>token</i> do adjetivo.....	38
Figura 1 - Representação do subesquema [Roxo de N] _{qi}	39
Figura 2 - Representação do subesquema [Preto de N] _{qi}	39
Figura 3 - Representação do subesquema [vermelho de N] _{qi}	40
Figura 4 - Representação do subesquema [Verde de N] _{qi}	40
Figura 5 - Representação do subesquema [Amarelo de N] _{qi}	41
Figura 6 - Representação do subesquema [Azul de N] _{qi}	41
Figura 7 - Representação do subesquema [Branco de N] _{qi}	42
Figura 8 - Representação do subesquema [Rosa de N] _{qi}	42
Figura 9 - Representação do subesquema [Laranja de N] _{qi}	43
Quadro 4 - A representação das microconstruções nos <i>corpora</i>	44
Quadro 5 - A representação das cores e das emoções.....	48
Quadro 6 - A relação das cores com efeitos de sentimentos (positivo e negativo).....	53
Figura 10 - A representação simbólica das cores quentes e frias.....	54
Quadro 7- Contexto de uso das microconstruções (geral ou específico).....	55
Quadro 8 - Panorama geral das microconstruções qualificadora de grau.....	56

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
1.1	O adjetivo nas gramáticas tradicionais.....	13
1.2	O adjetivo nas gramáticas descritivas.....	16
1.3	O adjetivo e a noção de grau.....	17
1.4	A Perspectiva funcional dos adjetivos qualificadores.....	19
2	A VISÃO LINGUÍSTICA DAS CORES.....	21
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como propósito o estudo das construções adjetivas com cores representadas pelo esquema construcional formado por nome de cor, seguido da preposição *de* e de nome abstrato, na formação de um pareamento voltado para a qualificação intensificadora. Esse esquema é codificado como $[N_c de N]_{qi}$ e especificado em *types* como *roxo de vergonha* e *branco de medo*. Analisa-se o pareamento forma x função dessas construções, a partir de suas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discurso-funcional (CROFT, 2001). Estamos nos referindo a instâncias de uso como no dado (01), a seguir:

(01) Lembrou a cena da madrugada, findando com aqueles tiros; exprimiu-se por sinais adequados e tais movimentos de cabeça e fisionomia, que toda dúvida desapareceu do espírito de Pereira. Então tudo se lhe descortinou claro e deslumbrante, e sua cólera subiu a um grau de violência inexprimível. Esteve a cair fulminado. – Infame, murmurou *roxo de ira*, tu me pagas! (*Corpus do Português* – Afonso de E. Taunay – Inocência).

Os estudos tradicionais caracterizam o adjetivo como uma expressão modificadora do substantivo, que denota qualidade e a condição de um ser. Mas, no português contemporâneo, como podemos observar em *roxo de ira*, detectamos uma abstratização metafórica: de um uso mais concreto para um uso mais abstrato, e *roxo de ira* atua tanto na qualificação quanto na intensificação do estado emocional do personagem Pereira.

Segundo Neves (2018), o adjetivo qualificador é um elemento recrutado pelos usuários quando se pretende conferir subjetividade ao texto, e, portanto, é um grande recurso da linguagem mais intersubjetiva, especialmente em textos marcados pela afetividade.

Nessa perspectiva, a mesma autora defende que qualquer forma de intensificação de adjetivo é fonte de obtenção de efeitos de sentido, não constituindo apenas uma acentuação neutra da existência de determinada qualidade no referente adjetivado (NEVES, 2018, p. 314).

Ilustramos abaixo algumas ocorrências que também comprovam a declaração de Neves (2018):

(02) “Quando estamos tristes tudo fica escuro o coração fica *preto de ódio* não tem muita coisa a fazer a não ser esperar” (Twitter- Busca avançada).

(03) “Adoro o clima na sala de aula quando tem trabalho de apresentação, fica todo mundo *amarelo de medo* e dando risadinha por nada. Divertido” (Twitter – Busca avançada).

(04) “Passei por um internamento hoje no hospital e veii toda hora os médicos falavam meu nome cogitavam em uma cirurgia, nos instantes desses comentários cheguei a suar *azul de medo*” (Twitter – Busca avançada).

Conforme podemos observar, as amostras de (02) a (04) ilustram o efeito de sentido qualificador e intensificador produzido pelas instâncias de uso da $[N_c \text{de} N]_{qi}$ que representa o esquema construcional formado por nome de cor, seguido da preposição “de” e de nome abstrato, como por exemplo *preto de ódio*, *amarelo de medo* e *azul de medo*, nos quais os locutores expressam sua impressão e avaliação acerca do que comentam.

No desenvolvimento da pesquisa das instâncias de uso da $[N_c \text{de} N]_{qi}$, partimos dos princípios básicos do Funcionalismo e da abordagem construcional da gramática, no que hoje nomeamos como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Focalizamos na noção de rede de construção, suas propriedades e fatores de análise, bem como as instanciações de nosso objeto de pesquisa. Partimos da hipótese funcionalista de que a estrutura gramatical é parcialmente maleável e dependente do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa, como destacado em Bybee (2016).

Objetivamos, por meio desta pesquisa, um estudo da classe dos qualificadores intensificadores compostos. Desse modo, procuramos:

- Identificar a partir das instanciações como *preto de ódio*, *amarelo de medo* e outras instanciações aqui exemplificadas, o esquema construcional $[N_c \text{de} N]_{qi}$, no português contemporâneo.
- Destacar a produtividade dos qualificadores intensificadores compostos no português brasileiro contemporâneo por instanciações de *types* como *roxo de vergonha* e *branco de medo*, considerando a articulação de um sentido mais abstrato da construção e possibilitando novos usos.

A fim de atingir os objetivos propostos, tomamos como base a abordagem de fontes como Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2015; 2016), a partir dos conceitos de língua, de construção e de rede.

Os dados de pesquisa foram extraídos do *Corpus do Português* (disponível em www.corpusdoportugues.org) e do *Twitter* (busca avançada). Realizamos um estudo quanti-qualitativo, levando em conta, assim, a produtividade e os contextos de instânciação construcional.

Dessa maneira, este trabalho organiza-se em cinco capítulos. No primeiro, fazemos a revisão da literatura em torno da classe dos adjetivos, tanto nas gramáticas tradicionais quanto nas descritivas, de orientação linguística mais recente; tratamos também da noção de grau do adjetivo e a perspectiva funcional dos adjetivos qualificadores. No segundo capítulo, fazemos uma síntese sobre a importância das cores na vida dos seres humanos, considerando a contribuição para a descrição das ações e dos sentimentos de cada indivíduo. No terceiro capítulo, tratamos da fundamentação teórica, apresentando os pressupostos básicos da LFCU que apoiam nossas considerações. No quarto capítulo, abordamos os procedimentos metodológicos empregados. Em seguida, no quinto capítulo, procedemos à análise dos dados. Por fim, nas considerações finais, apresentamos uma síntese dos apontamentos gerais dessa pesquisa.

1 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo trata da revisão da literatura sobre a classe dos adjetivos, dividida em quatro seções. Na primeira, abordamos o adjetivo nas gramáticas tradicionais, na segunda, tratamos do adjetivo numa visão descritiva, na terceira abordamos a questão do adjetivo e a noção de grau e por fim tratamos a perspectiva funcional dos adjetivos qualificadores.

1.1 O adjetivo nas gramáticas tradicionais

Iniciamos a revisão sobre adjetivo, a partir do que está disposto em manuais de cunho prescritivista, considerados de certa maneira tradicionais. O objetivo é verificar os seguintes aspectos: (i) o significado atribuído ao adjetivo (ii) os atributos de classificação de ordem sintática, semântica ou de outra ordem, (iii) as definições apresentadas. Assim avaliamos os seguintes autores: Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1996), Ribeiro (2007) e Bechara (2009), expondo essas definições no quadro a seguir:

Quadro 1 - Classificação do Adjetivo no âmbito da GT

Cunha e Cintra	“O adjetivo é essencialmente um <i>modificador do substantivo</i> . Serve para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo indicando-lhes: uma <i>qualidade ou defeito, o modo de ser, o aspecto ou aparência e o estado</i> . E também para <i>estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade etc.</i> ” (CUNHA e CINTRA 1985, p. 238).
Rocha Lima	“O adjetivo é a palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo” (ROCHA LIMA, 1996, p. 96).
Manoel Pinto Ribeiro	“O adjetivo é uma expressão modificadora do substantivo, que denota uma qualidade; condição ou estado de um ser”. “Em suma: <i>sintaticamente</i> , o adjetivo modifica um

	substantivo; <i>semanticamente, apresenta as ideias de qualidade, condição ou estado de um ser; morficamente, pode variar em gênero e número</i> ”. “Além disso, observamos na gramática de Ribeiro que muitas das vezes, o adjetivo é uma força composta constituída geralmente de preposição + substantivo: força de leão (=força leonina); carioca da gema (=legítimo); negócio da china (=vantajoso)” (RIBEIRO 2007, p. 172).
Evanildo Bechara	“O adjetivo é a classe de lexema que se caracteriza por constitui a <i>delimitação</i> , isto é, por <i>caracterizar</i> as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitadamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado” (BECHARA 2009, p. 142).

Fonte: A autora, 2020.

Conforme se observa no Quadro (01), Cunha e Cintra (1985) e Ribeiro (2007) classificam o adjetivo como modificador, já Rocha Lima (1996) e Bechara (2009) indicam seu caráter restritivo e delimitador, respectivamente. Soma-se Ribeiro (2007), que explicita a questão da flexão de gênero e número (morfologia) e os atributos semânticos da qualidade, condição ou estado de um ser, semelhante ao indicado por Cunha e Cintra.

Essa categoria funciona como um transmissor de qualidades e, em relação às cores, possibilita grande criatividade ao ato comunicativo, articulando interessantes efeitos de sentido, conforme integrantes de *types* como *azul de medo, branco de medo e preto de ódio*, que expressam sensações cromáticas e conferem ao ato comunicativo sentimento de emoção ou efeito psicológico. Podemos verificar o comentário no exemplo a seguir:

(05) “Aqui é assim, a gente guarda ódio, guarda rancor, eu nasci branco, fiquei *preto de ódio e veneno*” (Twitter).

Na cultura de cada sociedade, cada cor pode traduzir determinado efeito emocional. Sendo assim, vemos na microconstrução *preto de ódio*, instanciada em (05), que o adjetivo (preto) expressa uma avaliação negativa do emissor e das pessoas próximas a ele, representando a transformação do sentimento amoroso em ódio, raiva e rancor. O que remete

às características da cor preta (culturalmente interpretada como a cor da sujeira, do mal e da negação).

Outro aspecto referido na literatura sobre o adjetivo diz respeito a sua ordenação. Assim, o adjetivo se apresenta como elemento que pode se posicionar antes ou depois do substantivo. Nesse sentido, observamos que, quando o adjetivo vem posposto ao substantivo, tende a manter sentido mais referencial, quando vem anteposto ao substantivo, tende a assumir valor subjetivo ou afetivo.

Em termos funcionais, Cunha e Cintra (1985) e Ribeiro (2007), afirmam que o adjetivo atua como adjunto adnominal ou como predicativo. “O primeiro é o termo acessório da oração, parte de um termo essencial ou integrante dela; o segundo é por si próprio, um termo essencial da oração” (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 257).

Os autores classificam a função sintática do adjetivo em dois grupos, tendo no primeiro exemplo a função de adnominal e no segundo exemplo a função predicativa:

(06) “Lemuel ficou mudo. Ele levantou-se, rigidamente, como se estivesse com dor. Jerede também levantou-se do chão. Os dois homens encaravam um ao outro na praia. O rosto de Lemuel *vermelho de frustração*; o de Jerede resplendente com uma nova convicção.—Então agora *você*, Jerede! Jogando sua vida fora tão jovem, tão promissor—ele respirou fundo e soltou um suspiro exasperado. —Eu tinha muita esperança investida em você” (Corpus de Português – <http://aosseuspes.com/Raiou-uma-Luz/Se-nao-Renunciar-a-Tudo>).

(07) “fui assistir o filme que vc me recomendou, o exorcismo de Emily Rose, só te digo uma coisa: quase fiquei *branco de susto!* Kkkkkk” (Twitter).

O adjetivo correlaciona-se com substantivo e, por isso, pode realizar as funções sintáticas de adjunto adnominal ou predicativo. No primeiro fragmento, *vermelho de frustração* funciona como adjunto adnominal do substantivo rosto. Nessa função, o adjetivo é um termo acessório, ou seja, é um termo cuja ausência não afetaria a sintaxe da oração. Já no segundo fragmento o adjetivo *branco* é um termo essencial da oração, ou seja, sem ele a oração está incompleta.

Para Rocha Lima (1996), o adjetivo também atua na frase como adjunto adnominal (“Milkau foi conduzido ao escritório, onde um homem *taurino* e *bêbado* o recebeu” - GRAÇA ARANHA). E ele acrescenta que também o mesmo papel é desempenhado pela

expressão adjetiva: “(...) Um homem *de talento* como você precisa de dinheiro” (COELHO NETO).

1.2 O adjetivo nas gramáticas descritivas

Em relação aos autores Castilho (2010), Raposo (2013) e Moura Neves (2018), gramáticos que partem de contribuições mais recentes da Linguística, pesquisamos como os adjetivos são tratados. Sendo assim, procuramos avaliar: (i) o significado atribuído ao adjetivo; (ii) traços de classificação de ordem sintática, semântica ou de outra ordem; (iii) definições apresentadas. Conforme indicamos no quadro (02) a seguir:

Quadro 2 - Classificação do Adjetivo no Âmbito da Gramática Descritiva

Castilho	“O adjetivo funciona como núcleo do sintagma adjetival (SAdj). A mesma regra descritiva do sintagma nominal ocorre aqui: $S_{Adj} \rightarrow [(\text{especificador}) + \text{Adj} + (\text{Complementador})]$ ” (CASTILHO, 2012, p. 232).
Raposo	“Os adjetivos formam uma classe de palavras que exprimem propriedades caracterizadoras das entidades do universo de discurso, linguisticamente representadas por nomes. Na sua função mais típica, os adjetivos funcionam como <i>modificadores do nome</i> , i.e., combinam-se diretamente com ele e formam um grupo nominal cujo núcleo é o nome modificado” (RAPOSO, 2013, p. 1359).
Neves	“São adjetivos propriamente dito os que se expressam por uma só palavra (simples ou composto) como as palavras: alta, serena, ampla, azuladas, negro, imensa. E podem exercer funções que são próprias do substantivo” (NEVES, 2018, p. 309).

Fonte: A autora, 2020.

Conforme observamos no Quadro (02), os autores Castilho (2010), Raposo (2013) e Neves (2018) apontam traços relevantes para a compreensão do adjetivo na língua brasileira

contemporânea. Castilho afirma que esse elemento funciona como núcleo do sintagma adjetival; Raposo declara que tal classe de palavra exprime propriedades caracterizadoras das entidades do universo do discurso, linguisticamente representadas por nomes, e Neves declara que o adjetivo pode exercer funções que são próprias dos substantivos.

Dessa forma, a declaração desses autores nos revela que os adjetivos, além de acrescentarem propriedades ou qualidades ao substantivo, como assume a gramática tradicional, podem também trazer maior expressividade ao discurso, a partir da tomada de posição do locutor diante da sua vivência em sociedade.

1.3 O adjetivo e a noção de grau

O grau se configura como um recurso expressivo e muito rico na Língua Portuguesa, usado para apontar a dimensão ou a intensidade de algum elemento que transpassa os limites do que se considera normal. O grau pode expressar uma apreciação de tamanho, quantidade, qualidade ou intensidade (SILVA, 2015). Com base nessas considerações, apresentamos abaixo dois exemplos do nosso *corpus* de análise:

(08) “Lembrou a cena da madrugada, findando com aqueles tiros; exprimiu-se por sinais tão adequados e tais movimentos de cabeça e fisionomia, que toda a dúvida desapareceu do espírito de Pereira. Então tudo se lhe descortinou claro e deslumbrante, e sua cólera subiu a um grau de violência inexprimível. Esteve a cair fulminado. - Infame, murmurou *roxo de ira*, tu me pagas!” (Corpus do Português – Afonso de E. Taunay – Inocência).

(09) “*Azul de tranquilidade...* serenidade e harmonia - só estas três palavras já dizem tudo. Mas o azul tem mais... relaxa e a acalma e talvez por isso eu me identifique tanto!!! Lembre-me o mar, as férias, o céu, as nuvens e a pureza do ser humano” (Corpus do Português - receitasdaromy.blogspot.com).

De acordo com os exemplos (08) e (09), podemos perceber que a noção de intensidade se apresenta nas expressões destacadas, em que *roxo* e *azul* se associam aos seus adjuntos circunstanciais de causa (de ira e de tranquilidade), colocando em relevo o conteúdo articulado. Sendo assim, depreendemos que os adjetivos intensificadores particularmente os adjetivos de cores que aqui examinamos, aumentam o grau de atribuição do sentido expresso.

Assim, em vez de *com muita ira*, diz-se *roxo de ira*, do mesmo modo que, ao invés de *com muita tranquilidade*, diz-se *azul de tranquilidade*. Nessa direção, analisamos essas e outras microconstruções, sancionadas pelo esquema $[N_c de N]_{qi}$, com foco nos aspectos de natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática.

Ademais, consideramos que os substantivos femininos *ira* e *tranquilidade*, que estão instanciados nos fragmentos anteriores, não estão levando os interlocutores a se referirem a uma coloração roxa, por estar com um intenso sentimento de ódio, e nem numa coloração azul, por estar isento de agitação. Assim sendo, compreendemos que as duas ocorrências citadas se constituem como projeções metafóricas.

Isso significa dizer que a metáfora representa uma transferência entre os domínios básicos de peso/força, quantidade, dimensão e sensações/estado biofísicos ou psicoafetivos, decorrente do relacionamento do indivíduo com o espaço, seres e objetos, numa tentativa de expressar abstratamente a partir dessas noções, a ideia de intensidade (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Segundo Silva (2006), a expressão do grau é, em inúmeros casos, um traço da projeção metafórica, de um conceito mais concreto em outro baseado, para conceitos mais gerais ou abstratos.

Nesse âmbito, vale destacar o aspecto da intersubjetividade como um importante elemento discursivo-pragmático para a associação de sentidos, envolvendo o uso da construção intensiva $[N_c de N]_{qi}$.

Podemos acrescentar em relação a construção em estudo que a intersubjetividade se refere, em nossos dados, a uma inferência pragmática, ou seja, a um processo pelo qual uma conclusão é inferida através de indícios ou deduções sobre o que é comentado.

Assim, a combinação dos elementos que integram essa construção se constitui num todo semântico-sintático, no qual o significado é distinto da soma das partes, sabendo que a presença do adjetivo coloca em evidência o valor intensivo da construção.

Dentre os diversos recursos de intensificação, destacamos nesta pesquisa, particularmente, a noção de grau no plano lexical, demonstrando a ocorrência de um processo de qualificação e intensificação do adjetivo, a fim de ressaltar esse recurso utilizado na língua.

1.4 A perspectiva funcional dos adjetivos qualificadores

Abordamos aqui o aspecto funcional dos adjetivos qualificadores ou qualificativos, demonstrando que essa classe palavra se correlaciona ao substantivo para expressar valores nas dimensões de cor, de tamanho, de peso e nas dimensões associadas às estruturas fisiológicas, psicológicas e sociais.

Segundo Neves (2011, p. 185) os adjetivos qualificadores caracterizam o substantivo, o qual pode implicar uma característica mais, ou menos subjetiva, mas sempre revestida de um caráter vago. Como se vê pelo seguinte exemplo:

(10) “Tinha um doido dentro do ônibus batendo palma e batendo nos bancos. Depois veio e sentou do meu lado, fiquei *azul de medo*” (Twitter).

Neste fragmento podemos observar que a cor azul é recrutada para expressão do estado emocional do locutor, na formação de uma expressão que também informa sobre a causa desse estado: *azul de medo*. Sendo assim, observamos nesta ocorrência que o efeito cromático é a consequência do estado psicológico (medo), revelando assim, a impressão real do locutor.

Ainda nos termos de Neves (2011), a intensificação traz uma avaliação pessoal, pois os adjetivos atuam sobre o sentido do nome (substantivo), exprimindo um juízo do falante. Essa avaliação pessoal que transfere a noção de grau se encontra frequentemente marcada em nossos dados de análise, distribuída segundo a frequência *type* das microconstruções: *Preto de ódio, roxo de raiva, verde de inveja e amarelo de medo*. Vejamos no exemplo que ilustramos a seguir:

(11) “João Eduardo coçou desconsoladamente a cabeça. Estava justamente pensando no Nunes, e na sua indignação de devoto, de membro da paróquia, amigo do chantre, apenas lesse o panfleto! E se soubesse que era o seu escrevente que o compusera, com as penas do cartório... Via-o já *roxo de cólera* alçando sobre o bico dos sapatos brancos, a sua pessoa gordalhufa, e gritando na voz de grilo – fora daqui – ficava eu bem arranjado disse João Eduardo muito sério, nem mulher, nem pão”! (Corpus do Português).

De acordo com a ocorrência acima, podemos nos informar acerca do estado emocional do interlocutor, por exemplo: “coçou *desconsoladamente* a cabeça”, “na sua *indignação* de

devoto”, “*gritando* na voz de grilo”. Assim, com base nessas referências (*desconsoladamente*, *indignação* e *gritando*) podemos compreender, de fato, o estágio psicológico desse locutor. Ademais, a partir dessas considerações torna-se mais evidente o processo de intensificação.

2 A VISÃO LINGUÍSTICA DAS CORES

O vocabulário de uma língua é classificado como um conjunto de bens de um povo, que foi adquirido ao longo do dia a dia pela vivência dos indivíduos em sociedade, e assim por toda a extensão da vida.

Desse modo, entendemos que, em termos linguísticos, o vocabulário é visto como o elemento cultural que interliga o homem à sociedade, pois o léxico contempla as experiências sociais e reflete um conjunto de aquisições culturais.

As relações humanas são frequentemente direcionadas pela linguagem: gestos, cores, figuras e palavras, ou seja, os recursos linguísticos simbolizam o modo como os falantes observam a realidade e revelam seus valores, crenças, hábitos e costumes. Sendo assim, ao examinar o léxico de uma língua, compreendemos as características identitárias de uma comunidade.

Nesse sentido, podemos depreender que há uma relação entre o léxico e a cultura de um povo, englobando todos os conceitos do universo físico e do universo cultural, demonstrando um conhecimento que sintetiza a experiência histórico-cultural da sociedade.

Além disso, o léxico de uma língua revela os sentimentos humanos, os afetos ou descontentamentos, de uma forma oral ou escrita, pois é o vocabulário que fomenta as ações de uma sociedade, suas mudanças, seu desenvolvimento ou retrocesso.

Nessa perspectiva, Biderman (1992, p. 399), indica que “as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que o homem tem delas”. Essa declaração significa dizer que o significado não pode ser confundido com o objeto, mas sim simboliza um pensamento que remete a um acontecimento, um estado, um processo.

Nessa direção, vamos analisar neste capítulo mais detidamente o campo lexical das cores e a sua atuação nos usos linguísticos. Tratamos do seu papel tanto no sentido da formação do vocabulário dos falantes quanto na contribuição da evolução do léxico na língua. Ao investigar as instâncias de uso da construção $[N_c de N]_{qi}$, observamos o importante papel que as cores representam na vida dos seres humanos e na fixação de padrões linguísticos. Essa importância vai desde adquirir um produto de determinada cor até revelar inconscientemente as nossas emoções.

Assumimos que, nas instâncias de uso da $[N_c de N]_{qi}$, a primeira subparte é preenchida por itens lexicais cromáticos, tomados como microssistemas linguísticos singulares repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática (ZAVAGLIA, 2006, p. 28-29).

Assim, podemos considerar que microconstruções, como *amarelo de medo* e *roxo de vergonha*, são entendidas como um pareamento entre forma (fonética, morfológica e sintática) e função (semântica, discursiva e pragmática), conforme Goldberg (2006) e Croft (2001), cujo efeito de sentido da primeira subparte advém da representação simbólica das cores na sociedade. Vejamos o exemplo a seguir:

(12) “Adoro o clima na sala de aula quando tem trabalho de apresentação, fica todo mundo *amarelo de medo* e dando risadinha por nada. Divertido” (Twitter – Busca avançada).

Em (12), consideramos que o construto *amarelo de medo*, assim como as demais expressões que tratamos nesta dissertação, que podem ser interpretadas como expressão qualificadora de intensidade. Nesse construto, as subpartes estão associadas em unidade de sentido e forma, estabelecendo-se a relação entre a cor amarela e o estado de medo.

Assim, observamos um fragmento de natureza expositiva e descritiva, no qual o locutor se utiliza da expressão *amarelo de medo* para a caracterização do estado emocional dos estudantes em dia de apresentação de trabalho. Nessa declaração, depreendemos que a cor amarela é usada para classificar os aspectos cognitivos em termos comportamental, neuropsicológico e neurofisiológico, expressando a regularidade do estado emocional dos alunos em dia de exposições orais de trabalho.

As expressões cromáticas estão associadas ao conhecimento e à sentimentalidade do homem, diante do universo que o cerca, “tanto para caracterizar a cor como um aspecto sob a luz do sol – *folhas verdes, bolsa marrom, casaco preto*, como para representar signos universais e metafóricos como *roxo de vergonha* e *amarelo de medo*” (ZAVAGLIA, 2006, p. 26).

Ainda na visão dessa autora:

Claro está que o homem, no seu dia-a-dia, não vive mais sem as cores (se é que algum dia viveu): sensibiliza-se com a cor de uma flor da mesma maneira que é incitado a adquirir uma roupa de determinada pigmentação ou a pintar a casa de azul, amarelo ou de branco. Inconscientemente exprime as suas emoções, utilizando-se de cromônimos¹– hoje tão incorporado a sua realidade, por meio de expressões idiomáticas, sintagmáticas ou proverbiais (ZAVAGLIA, 2006, p. 26).

A esse respeito, Silva (2006, p. 205) afirma que o recurso metafórico é considerado um processo atuante do discurso do cotidiano. Isso significa dizer que a metáfora recobre uma

¹ Termo traduzido em português do italiano “cromônimo (singular)/ “cromonimi” (plural) empregado por Enrico Arcaini em *Analisi linguística e traduzione*. Bologna: Patron, 1991.

quantidade considerável de categorias conceituais utilizadas nas mais diversas formas de interlocuções da convivência social, a partir das experiências do indivíduo com o ambiente ao seu redor.

Baseado neste postulado, podemos considerar que o processo de intensificação expresso pela microconstrução *amarelo de medo*, assim como em outras ocorrências que são aqui referidas, apresenta-se como uma transferência de domínios, entre o conteúdo intensivo alvo, mais abstrato, e outro da fonte cromática, de natureza mais concreta. Daí surge à necessidade de nos debruçarmos sobre o estudo do campo lexical das cores nas construções sob análises.

Nesse sentido, Zavaglia afirma que:

É interessante ressaltar, contudo, que, do mesmo modo que para o físico a palavra cor designa uma luz, ou seja, um comprimento de onda, para os linguistas tal unidade lexical denomina o absorver e o refletir da luz dos corpos, sejam eles naturais ou artificiais. Nessa vertente, de acordo com a sua vivência e experiência, o homem, com o decorrer do tempo, foi criando e registrando linguisticamente sua afetividade pelas cores (ZAVAGLIA, 2006, p. 26).

Nessa direção, levamos em consideração que cada língua adota uma maneira própria para identificar e simbolizar os “feixes cromáticos”. Por isso, tratamos especificamente dessa questão a partir do português contemporâneo do Brasil, ao analisar as instâncias de microconstruções como *amarelo de medo*, *roxo de raiva*, *vermelho de paixão*, *azul de fome* e *rosa de amor*, ocorrentes nessa variedade linguística. Entendemos que cada cor desses *types* específicos carrega representações simbólicas e culturais, na referência ao mundo físico e ao ambiente sociocultural brasileiro.

Tomando como exemplo a cor *roxa*, que se apresentou mais frequente em nosso *corpus* de análise, podemos ilustrar o comentário. Vejamos o exemplo a seguir:

(13) “A resposta de Alexandre Garcia foi para deixar qualquer um *roxo de vergonha*, enfiar a viola no saco e se mancar, mas não essa tralha de Globolixo, esses não sentem vergonha de nada. A sensibilidade e o caráter passaram longe deles” (Twitter).

Em (13), *roxo de vergonha* expõe de maneira intensiva a crítica do usuário do *Twitter* a uma emissora de TV, por intermédio da resposta de um jornalista. O efeito intensificador articulado por *roxo de vergonha* concorre para articular a opinião do usuário e tentar convencer seus interlocutores acerca da repercussão da resposta de Alexandre Garcia.

De acordo com os exemplos anteriores, *amarelo de medo* e *roxo de vergonha* são tomados como ocorrências que devem ter seu sentido intensificador, de caráter mais geral, especificado com base nos contextos e nas sequências textuais em que são usados.

A produtividade dos *types* específicos da $[N_c de N]_{qi}$ também é relativa. Essas microconstruções podem aparecer na língua com frequência maior de ocorrência, como é o caso das microconstruções com a cor roxa, ou com frequência de menor ocorrência, com apenas um dado, como é o caso das cores rosa e laranja. Observemos a ocorrência a seguir:

(14) “Dá-me ainda um beijo, antes que a noite venha! E tu, no entanto no jardim vagavas *Rosa de amor*, celestial Maria.. Ai! como esquivas sobre o chão pisavas, !Ai! como alegre a tua boca ria. E tu no entanto no jardim vagavas. Era a estrela transformada em virgem! Eras um anjo, que se fez menina! Tinhas das aves a celeste origem. Tinha da lua a palidez divina. Eras a estrela transformada em virgem! Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto. Que bela rosa! Que fragrância meiga”! (Corpus do Português).

Neste trecho do poema *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, podemos observar como o autor retoma o tema do amor em sua sensualidade e afetividade, marcado pelo simbolismo da cor rosa e os seus efeitos de sentido. Nesse caso, a percepção da cor rosa está relacionada às metáforas culturais da vida, para expressarem a experiência amorosa e sentimental do homem, através da ternura, da beleza, da suavidade e da ingenuidade, estando culturalmente associada ao universo feminino.

De acordo com as cores, cumpre-se um propósito comunicativo específico na língua, por meio da instanciação do esquema $[N_c de N]_{qi}$, que representa o posicionamento do locutor com a articulação de seus sentimentos de uma forma positiva ou negativa.

Dessa maneira, os impulsos e os sentimentos dos seres humanos são induzidos pelas situações vividas em cada momento, mas também por muitos fatores que afetam os estados emocionais, entre eles as cores e o entorno cromático. Assim, as cores controlam os estados de ânimo das pessoas, principalmente das crianças, pois os efeitos cromáticos podem reproduzir às emoções pessoais, relacionando tanto os aspectos positivos como os aspectos negativos.

Segundo Silva (2006, p. 205), “na verdade, o ponto de vista cultural sobre o mundo parece exercer um papel decisivo no processamento cognitivo e na consequente codificação linguística”.

A psicóloga, socióloga e professora Eva Heller evidenciou em sua obra *Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*, que a relação das cores com os sentimentos

não se combina por acaso, mas sim por conta das experiências enraizadas na nossa linguagem e no nosso pensamento.

Ademais, a autora nos indica que existe uma estreita relação entre as cores e os nossos sentimentos, já que não se indica uma questão de preferência, mas que vai desenvolvendo uma experiência, onde as cores se encontram integradas à nossa linguagem e às crenças. São vivências comuns que, desde a infância, foram ficando inseridas em nossa linguagem e em nosso pensamento. Nesse sentido, ela acrescenta que conhecemos mais sentimentos do que cores.

Desse modo cada cor pode produzir muitos efeitos. Cada cor atua de modo diferente, dependendo do contexto. O mesmo *vermelho* pode ter efeito brutal, nobre ou vulgar. O mesmo *verde* pode atuar de modo salutar ou calmante. O *amarelo* pode ter um efeito caloroso ou irritante. Sendo assim, cada efeito de sentido pode ser produzido por várias cores, a depender do tipo de organização textual-discursiva em que é articulado. Nesse sentido, podemos dizer que as cores e a sua representatividade podem influenciar as escolhas dos seres humanos, podem afetar de maneira inesperada as emoções e até remeter à nostalgia.

De modo geral, as cores fazem parte da vida dos seres humanos, ressaltam as condições corporais de cada indivíduo, expressando diversas razões e emoções.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta pesquisa, adotamos como base a LFCU, que associa o Funcionalismo à contribuições da Gramática de Construção (GC), relacionando esses paradigmas teóricos. Assim, destacamos a seguir os aspectos mais relevantes dessas abordagens. A LFCU corresponde ao Funcionalismo na contemporaneidade e interpreta a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais e os aspectos de usos, conforme se encontra em Rosário e Oliveira (2016) e Oliveira e Cezario (2017).

A LFCU, também denominada “linguística cognitivo-funcional”, concentra-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os vários contextos comunicativos em que elas são usadas, além de permitir importantes investigações acerca de processos de formação e instanciações de construções.

Para Silva (2015, p. 75), na perspectiva da LFCU, a gramática é entendida como uma rede de construções em distinção gradiente e distribuídas entre lexicais e gramaticais, que variam em grau de esquematicidade, de especificação, de dependência e de fixidez estrutural.

Na perspectiva construcional,

Todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pareamento adquiridos/aprendidos/ armazenados de forma com função semântica, pragmática ou discursiva, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões parcialmente preenchidos e padrões completamente não especificados ou esquemáticos (CUNHA; LACERDA, 2017, p. 18).

Essas mesmas autoras acrescentam que:

A unidade básica da gramática é a construção; a estrutura semântica é projetada diretamente na estrutura sintática; a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre esses nós são representadas na forma de hierarquias. (CUNHA; LACERDA, 2017, p. 21).

A LFCU, com base em Rosário e Oliveira (2016), interpreta a regularidade da língua como uma estrutura motivada e aperfeiçoada pelas práticas discursivas dos falantes em seus contextos reais de uso. Assim, destacamos que a pesquisa funcionalista privilegia o tratamento das dimensões contextuais dos usos linguísticos, na consideração também dos processos de mudança.

Nesse ponto, ressaltamos as contribuições de Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2013) e, no Brasil, Martelotta (2008), Rosário e Oliveira (2016) e Cunha (2008). Com base nesses autores, constatamos que a vertente funcionalista da linguagem está pautada nos

aspectos relacionais da função e da forma, a partir do pressuposto de que as propriedades funcionais e formais estão interligadas em uma dimensão contextual.

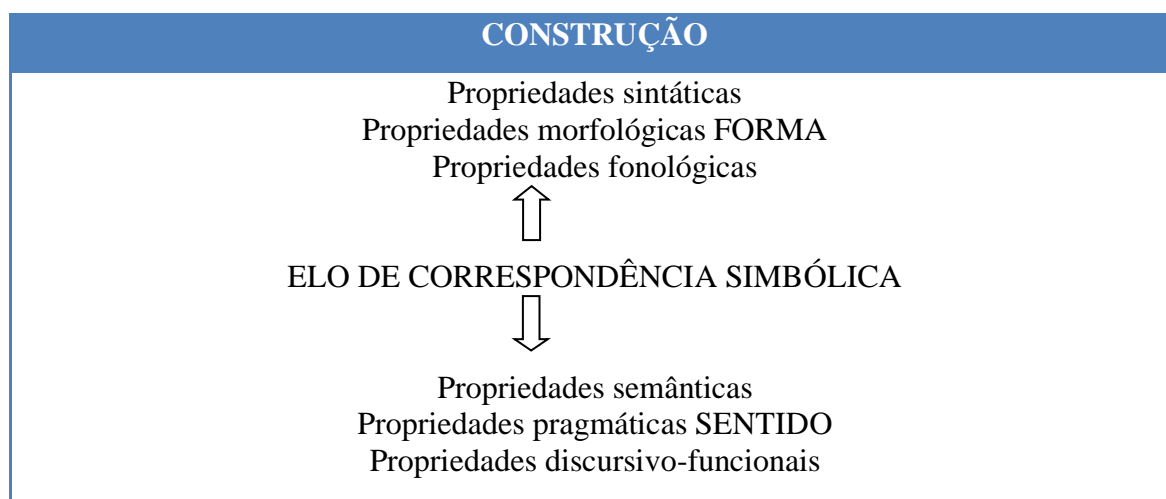
Ao contrário dos formalistas, os funcionalistas defendem a ideia de que a força do discurso molda novas estruturas linguísticas, em razão das situações de uso da língua. Desse modo, Cunha explica que:

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergente. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam), portanto é necessário observar a língua como ela é falada (CUNHA, 2008, p. 164).

Na LFCU, a língua é concebida como uma complexa rede de construções. A construção é entendida como um pareamento entre forma (fonética, morfológica e sintática) e função (semântica, discursiva e pragmática), conforme Goldberg (2006) e Croft (2001). Nesse sentido, a tendência da LFCU é o tratamento mais integrado de ambos, a partir do pressuposto de que propriedades funcionais e formais se aplicam mutuamente. Com isso, é considerada de modo mais efetivo a dimensão da forma, num procedimento que equilibra ambos os eixos – o do sentido e o da estrutura.

Segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 239), a língua define-se como um conjunto de construções específicas e hierarquizadas que interconectadas compõe uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas. Uma versão esquemática dessa correspondência se encontra na proposta de Croft (2001, p. 18), representada no Quadro 3:

Quadro 3 – Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: A autora, 2020.

Os pressupostos da LFCU enfatizam a natureza convencionalizada do conhecimento construcional, a relação de herança hierárquica entre construções mais gerais e mais específicas e a importância do uso da língua na determinação dos aspectos da estrutura linguística (CUNHA; LACERDA, 2017).

Com base nesses postulados, investigamos nessa pesquisa as instâncias de uso no PB contemporâneo do padrão esquemático $[N_c de N]_{qi}$. Assumimos que essa construção constitui um pareamento convencionalizado de forma nova e sentido novo, tratando-se de um novo nó na rede construcional da língua, pertencente à classe dos qualificadores de intensidade.

Nessa direção, expomos em nossa pesquisa os princípios básicos da abordagem construcional da gramática, como se encontra em Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Adotamos a concepção de rede de construção e a perspectiva da hierarquia construcional, como assumida em Traugott e Trousdale (2013).

Com base na construção $[N_c de N]_{qi}$, observamos que a primeira subparte, o N_c , apresenta um desbotamento da sua categoria fonte de cor, a favor da articulação de um sentido mais abstrato da construção como um todo e assim possibilitando a emergência de novos usos.

De acordo com a abordagem construcional adotada, classificamos a $[N_c de N]_{qi}$ como uma construção: a) complexa, porque é formada de três subpartes; b) mais esquemática, uma vez que tem duas subpartes abertas em *slot*; c) lexical, por estar associada ao desenvolvimento de esquema nominal qualificador, integrante da classe dos adjetivos compostos sintagmáticos, nos termos de Simões Neto (2018; 2019).

Nessa abordagem construcional, três fatores devem ser levados em consideração, de acordo com Traugott e Trousdale (2013): a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade, tal como apresentados a seguir:

a) Esquematicidade

Primeiramente, precisamos entender que um esquema pode se definido como uma generalização taxonômica que indica os padrões de experiências rotinizadas. Dessa forma, podemos ter construções bastante esquemáticas e abstratas e, por outro lado, construções pouco ou medianamente esquemáticas. Isso se dá devido à generalidade ou especificidade da construção.

Nessa visão, consideramos que o esquema construcional $[N_c de N]_{qi}$ é mais esquemático, uma vez que duas subpartes N são preenchidas por *slots*. A primeira subparte

ocupada por diferentes tipos de cores (adjetivos), e a segunda subparte por substantivos abstratos (medo, vergonha) entre outros.

b) Produtividade

Quando falamos em produtividade, fazemos alusão à frequência, que é um fator relevante nas pesquisas funcionalistas. De acordo com Bybee (2016), a frequência de uso impacta a gramática, e aquilo que é mais frequente tende à maior regularização.

Além disso, a produtividade relaciona-se ao grau em que uma construção mais esquemática admite outras menos esquemáticas (subesquema), tendo a ver com a extensibilidade de uma construção. Essa concepção corresponde ao que Bybee (2016) designa frequência *type* e pode ser associada ao exposto por Hilmmelmann (2004) como expansão da classe hospedeira. Frequência de *type* e expansão hospedeira ligam-se ao conceito de produtividade, visto que descrevem o sucessivo aumento de categorias que se integram à rede de uma dada construção padrão, formando novas relações semânticas e sintáticas não previsíveis inicialmente.

De acordo com esse postulado, analisamos as construções adjetivas com cores investigadas nesta pesquisa.

c) Composicionalidade

A composicionalidade faz referência ao grau de integridade de forma e significado de cada subparte ao nível da construção. Na abordagem construcional da gramática, podemos identificar dois tipos distintos: a composicionalidade semântica e a composicionalidade sintática.

Composicionalidade semântica diz respeito à manutenção de traços do significado das partes, reconhecendo que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo.

Composicionalidade sintática, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que, quanto mais composicional, mais essas partes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte.

Por essa razão, consideramos que a construção $[N_c \text{ de } N]_{q_i}$ é mais esquemática, porém com manutenção composicional, uma vez que as subpartes retêm traços de sua categoria

fonte. Por outro lado, o segmento final, formado por PrepN, atua na referência à causa da primeira subparte N_c .

De acordo com essa perspectiva, destacamos abaixo dois exemplos de instâncias de uso da $[N_c de N]_{qi}$ levantados em nossos dados:

(15) “Sempre tive seios enormes e quadril idem. Então, quando saiu à moda de camisões eu coloquei uma fusca (era moda) e um camisão jeans e saí para o trabalho, na hora do almoço, fui ao banco e o guardinha me viu na fila e tentou me fazer furar a fila, dada a minha “condição” eu sorri agradei e esclareci que por não estar grávida aguardaria na fila. Ele ficou *roxo de vergonha* e saiu” (*Corpus do Português*).

(16) “Qua, qua, qua, qua... Caí na gargalhada. Beto estava *roxo de ciúmes*... Maravilha! Não tive dúvidas, provoqueei: Gustavinho é um amor! Uma graça de rapaz. Apoiada no braço do Beto, chegamos em casa: Agora faça o favor de ficar calado Beto falara grosso para ser obedecido. Com jeito, abriu o cadeado e portão, atravessamos o jardim da frente nas pontas dos pés. Me prendendo para não rir, já ia meter a chave na porta de casa quando Beto me puxou pelo braço: Venha não resisti” (*Corpus do Português*).

Em (15) e (16), os construtos² *roxo de vergonha* e *roxo de ciúmes* demonstram a integração semântico-sintática. Assim, as subpartes se destituem de alguns traços da categoria original. O slot N_c se refere a uma percepção do locutor, uma apreciação de nível mais abstrato, e o SPrepN é, na verdade, a causa dessa percepção. Trata-se de um sintagma qualificador intersubjetivo, que mantém propriedades das categorias fonte das subpartes e, por outro lado, revela-se como pareamento mais esquemático, por conta dos dois *slots* N.

Observamos que as abordagens funcionalistas vão além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos na língua. Nesse sentido, ilustramos nossos comentários com alguns exemplos a seguir, retirados do *corpus* de nossa pesquisa:

(17) “Os camaradas desconversaram: – Por mim, pode dizer que tudo fica lá, disse Pedro Pinga. – E você, Manuel Grosso? Indagou o Antônio, ainda mais *roxo de decepção*. – Pra falar com franqueza, eu vou saindo; não fico nesse trabalho por dinheiro nenhum, afirmou o

² Construto é o dado de uso, é a instanciação de uma construção, como definem Traugott e Trousdale (2013).

camarada. Eu também vou-me embora, concordou o outro. – Pois estão despachados, e já!” (*Corpus do Português* – 2006).

(18) “Eu duvido muito que qualquer gotinha sequer de perdigoto tenha saído da minha boca, mas mesmo se tivesse acontecido, ela jamais poderia fazer isso da maneira que fez. Eu fui obrigado a me aproximar dela para tentar fazer com que ela me ouvisse, não falei no ouvido dela porque quis. Depois dessa virei às costas, agradei e fui embora, *roxo de raiva*” (*Corpus do Português*).

(19) “Em vez de xingarmos os políticos e as figuras públicas, vamos apenas ficar repetindo, eu apoio o Pacote Anti Crime, o sujeito vai ficar *roxo de raiva* e nem vai poder processar ou mandar prender” (Twitter).

Nos exemplos (17), (18) e (19) temos no segundo *slot* da construção [N_cdeN]_{qi} os vocábulos *decepção* e *raiva*, que configuram o posicionamento do locutor por meio do processo de intensificação. Ademais, podemos perceber nesse segundo preenchimento os valores negativos desses vocábulos, realçados pelos efeitos cromáticos do primeiro *slot*.

Já nos exemplos (20), (21) e (22), que destacamos a seguir, o segundo *slot* das construções são preenchidos pelos vocábulos *glória*, *paixão* e *esperança*, e caracterizam o discurso de uma forma positiva, representando as emoções ou sensações dos indivíduos, as quais são acentuadas pela instanciação das cores:

(20) “ao fundo a Vicência e a cozinheira espreitavam com os seus rosários nas mãos. O oratório resplandecia. As velhas salvas de prata, batidas pelas chamas das velas de cera, punham no fundo do altar um brilho *branco de glória*” (*Corpus do Português*).

(21) “Vermelho é a magia de um louco torcedor; que tem a alma de guerreiro, um transe na emoção, eu sou *vermelho de paixão*. Meu boi de pano faz da arte da evolução um toque de paixão, compasso da emoção. Amor absoluto no tom do desafio”... (Twitter).

(22) “Escolhi o *verde de esperança* e um pouco de azul, que é o céu e o mar, a água, as coisas que amo” (Twitter).

Assim, ao observar os itens que compõem o segundo *slot* da construção, depreendemos que tanto as expressões negativas (como *depressão* e *raiva*) como as expressões positivas (*glória*, *paixão* e *esperança*) podem preencher o segundo *slot* da construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$, revelando os sentimentos e as emoções dos seres humanos por meio dos efeitos cromáticos.

De maneira geral, podemos compreender que as cores (roxo, branco, vermelho e verde) têm como função principal qualificar ou classificar os objetos, tais como *casaco roxo*, *camisa branca*, *calça vermelha* e *maçã verde*, numa funcionalidade registrada pela descrição gramatical tradicional. Por outro lado, na perspectiva da LFCU, assumimos que as cores não só têm a função de qualificar, mas também integram a construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$.

Vale ressaltarmos que os exemplos apresentados nesta seção, no nível dos construtos, alinham-se a níveis mais abstratos do esquema maior $[N_c \text{ de } N]_{qi}$, permitindo a emergência de novos usos. E a constatação dessas ocorrências naturalmente leva a formações inovadoras na língua, devido à exigência por maior expressividade na comunicação.

Traugott e Trousdale (2013) consideram as construções como unidades básicas da língua e, por meio da abordagem construcional, examinam como surgem novas construções e como as construções já existentes podem sofrer transformações na esfera formal, na esfera funcional ou em ambas.

Para Booij (2010), o esquema construcional prevê o pareamento entre forma, função e significado. Sendo assim, o padrão geral $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ aqui descrito pode ter as seguintes representações subesquemáticas: $[Roxo \text{ de } N]_{qi}$; $[Preto \text{ de } N]_{qi}$; $[Azul \text{ de } N]_{qi}$; $[Branco \text{ de } N]_{qi}$; $[Amarelo \text{ de } N]_{qi}$; $[Verde \text{ de } N]_{qi}$; $[Vermelho \text{ de } N]_{qi}$; $[Rosa \text{ de } N]_{qi}$ e $[laranja \text{ de } N]_{qi}$, estando integradas a um significado mais geral e construcional.

Essa representação esquemática, por sua vez, deve também considerar um aspecto fundamental no âmbito da gramática de construção, o *chunking*, uma vez que não é possível inverter ou trocar a ordem dos componentes destes construtos.

O *chunk* é entendido por Bybee (2016) como um elemento mnemônico que pode integrar todos os sistemas cognitivos humanos, sendo o *chunking* a elaboração de *chunks* mais complexos a partir de *chunks* menores. De uma maneira geral, os compostos, sejam morfológicos, sejam morfossintáticos, sejam sintagmáticos, podem ser explicados cognitivamente por *chunkings*, porque são formas realizadas juntas frequentemente e que adquirem: (a) regularização estrutural, vista na impossibilidade de inversão da ordem, de substituição dos elementos e de inserção de outros elementos/*chunks* na estrutura compositiva; (b) particularização semântica, vista na identificação de um significado que só acontece na realização conjunta dos elementos integrantes (BYBEE, 2016, p. 65).

Em síntese, nossa fundamentação assenta-se na LFCU, em que se associam pressupostos funcionalistas à contribuição da Gramática de Construção (GC). De acordo com esse arcabouço teórico, a língua consiste numa rede de pareamentos entre formas e funções, a qual se expande e modifica em função das necessidades comunicativas e cognitivas de seus usuários, como demonstram Traugott e Trousdale (2013).

Nesse sentido, analisamos os aspectos cognitivos e construcionais envolvidos no padrão esquemático $[N_c de N]_{qi}$, analisando as instanciações de *types* como *roxo de vergonha*, *amarelo de medo e vermelho de paixão*. Dessa forma, analisamos as características gerais e principais que norteiam o modelo da LFCU desde o seu surgimento em 1970, e continuam presentes nesta vertente teórica.

As instâncias de uma construção podem ser tratadas em termos de fatores semântico-cognitivos (analogização, *chunking*) e sociointeracionais (inferência pragmática, intersubjetividade). Adotamos tais fatores na análise de nossos dados.

A *analogização* descreve o mecanismo de associação entre os componentes pelo fato de compartilharem certas propriedades. Por essa noção, cria-se um novo elemento com base na similaridade com outros existentes (SILVA; BISPO, 2020).

Chunking significa a união de elementos que se relacionam de modo sequencial. Essa associação origina-se da percepção humana desses elementos em uma determinada situação. Daí a formação de um *chunk*, um todo de conteúdo e forma que qualifica, intersubjetivamente, os sentidos articulados.

Quanto aos aspectos interacionais, levamos em consideração a inferência pragmática, a subjetividade e a intersubjetividade. O primeiro expõe um processo interacional em que o falante emprega uma expressão linguística diferente da convencional e o interlocutor infere, por meio dos indícios contextuais, o resultado pretendido.

Subjetividade é o conjunto de ideias, significados e emoções que, por serem baseados no ponto de vista do sujeito falante, são influenciados por seus interesses e desejos particulares. Já a intersubjetividade é uma condição da vida social que permite a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos "entre sujeitos", como destacam Traugott e Dasher (2005).

Cabe também comentar aqui dois dos princípios de iconicidade, como definidos por Givón (1990). São eles os subprincípios de quantidade e de proximidade.

O subprincípio da quantidade prevê que, quanto maior a carga de informação de um termo, maior será sua forma linguística. Assim, os adjetivos de cores podem demonstrar a

aplicação desse princípio, visto que a palavra *verde* presente na expressão “*maça verde*”, possui menos carga informacional que *verde de inveja*.

O subprincípio da proximidade prevê que, quanto mais associados semanticamente dois ou mais conceitos estiverem, mais pareados eles estarão. Nesse sentido, podemos observar este fato, no *type verde de inveja*, as subpartes estão associadas em unidades de sentido e forma, estabelecendo-se a relação da cor verde e o estado de inveja.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com já vimos mencionando ao longo do trabalho, em consonância com a LFCU, levantamos nossos dados em contextos reais de interação do português contemporâneo. Consideramos que os usos linguísticos, como destacam Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2016), impactam a representação da gramática, concorrendo para convencionalização de novas formas de dizer, como na esquematização da $[N_c de N]_{qi}$. Assim, ao contrário das abordagens formalistas, defendemos que a força do discurso molda novas estruturas linguísticas, em razão das situações de uso da língua.

Nesse sentido, reunimos um conjunto de 142 *types* da construção $[N_c de N]_{qi}$. Trata-se de 19 dados extraídos do Corpus do Português, levantados no site www.corpusdoportugues.org, e 123 dados extraídos do *Twitter* (busca avançada), a fim de exemplificar instâncias de uso do referido padrão esquemático.

São exemplos do *Corpus do Português*:

(23) “Os camaradas desconversavam – Por mim, pode dizer que tudo fica lá, disse Pedro Pinga – E você, Manuel Grosso? Indagou o Antônio, ainda mais *roxo de decepção*. – Pra falar com franqueza, eu vou saindo; não fico nesse trabalho por dinheiro nenhum, afirmou o camarada. - Eu também vou-me embora, concordou o outro. - Pois estão despachados, e já! Eu quero camaradas para todo o serviço, no sossego e no perigo.

(24) “Augusto: - com muito prazer minha senhora, disse Fabrício *vermelho de despeito* e aturdido com um beliscão que lhe dera Leopoldo”.

São exemplos do *Twitter*:

(25) “Meu amor, desejo que os dias sejam de muito... *amarelo de felicidade, azul de tranquilidade, rosa de amor, vermelho de paixão, verde de esperança, laranja de energia, branco de paz*. Que sua vida seja sempre colorida, repleta de coisas boas”.

(26) “*Vermelho de paixão* de amor de carinho de afeto e de sentimento verdadeiro, estou me sentindo livre e feliz e apaixonado por mim mesmo, como é bom vc se amar sem esperar ninguém amar vc,”.

A coleta desses construtos levou em conta a primeira subparte do esquema padrão $[N_c de N]_{qi}$. Assim, o procedimento de busca no *Corpus do Português* foi realizado coleta direta das cores: *preto, roxo, vermelho, branco, azul, amarelo, verde, rosa e laranja*, as quais constituem a primeira subparte do esquema estudado. Daí, observamos se essa parte vinha acompanhada da preposição *de* seguida de nome, como em *preto de ódio, roxo de ciúmes, vermelho de paixão e branco de susto*. Já no procedimento de busca no *Twitter*, levamos em consideração os dados encontrados no *Corpus do Português* e pesquisamos os mesmos registros.

Desse modo, pudemos constatar que o padrão esquemático $[N_c de N]_{qi}$, aqui descrito, pode ter as seguintes representações subesquemáticas: $[preto de N]_{qi}$, $[roxo de N]_{qi}$, $[azul de N]_{qi}$, $[branco de N]_{qi}$, $[amarelo de N]_{qi}$, $[verde de N]_{qi}$, $[vermelho de N]_{qi}$, $[rosa de N]_{qi}$ e $[laranja de N]_{qi}$. Consideramos que se trata de subconjuntos do esquema maior $[N_c de N]_{qi}$, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Após a coleta de dados, enumeramos as ocorrências e mantivemos as amostras com os mesmos registros ortográficos. Sendo assim, apresentamos os textos sem alterações, sendo fiéis às fontes de sua instanciamento.

Cabe também acrescentar, que expomos em nossos dados (na maioria) o uso do registro coloquial da fala, o qual é utilizado em situações em que o nível de formalidade é menor, portanto, requer menor adequação às regras gramaticais, apresentando-se numa linguagem mais dinâmica, permitindo recursos mais expressivos. Ademais apresentamos a natureza tipológica (descritiva, narrativa e expositiva), a modalidade (falada ou escrita) e as pessoas do discurso (1º, 2º e 3º).

Após a coleta e seleção dos dados, foram selecionados os seguintes fatores para a análise:

1. Frequência *type* e *token* do adjetivo (cor): a fim de verificarmos quais adjetivos ocupam o primeiro *slot* da construção em análise e quantas vezes cada um deles se realiza de acordo com cada efeito cromático;
2. A influência dos efeitos cromáticos nos sentimentos e reações dos interlocutores;
3. A relação das cores quanto à positividade e à negatividade;

4. A temperatura das cores, se frias ou quentes;
5. A classificação das microconstruções de acordo com o uso (regular ou específico);

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos o levantamento de dados *nos corpora*, totalizando 142 ocorrências de construções adjetivas com cores, em instâncias de uso que atuam no processo de intensificação do português contemporâneo.

Com base nesse levantamento, detectamos a produtividade das cores, por meio da sua frequência *type* e *token*. Observamos quais adjetivos ocupam o primeiro *slot* das construções em análises e quantas vezes cada um deles se realiza, de acordo com cada efeito cromático e com cada *corpus*.

A Tabela 1 ilustra o comentário:

Tabela 1 – Frequência *type* e *token* do adjetivo

FREQUÊNCIA TYPE DAS CORES	CORPUS DO PORTUGUÊS	TWITTER	FREQUÊNCIA TOKEN GERAL
PRETO	02	15	17
ROXO	07	30	37
VERMELHO	02	17	16
VERDE	02	13	17
AMARELO	01	16	16
AZUL	02	16	17
BRANCO	02	15	17
ROSA	01	00	01
LARANJA	00	01	01
TOTAL	19	123	142

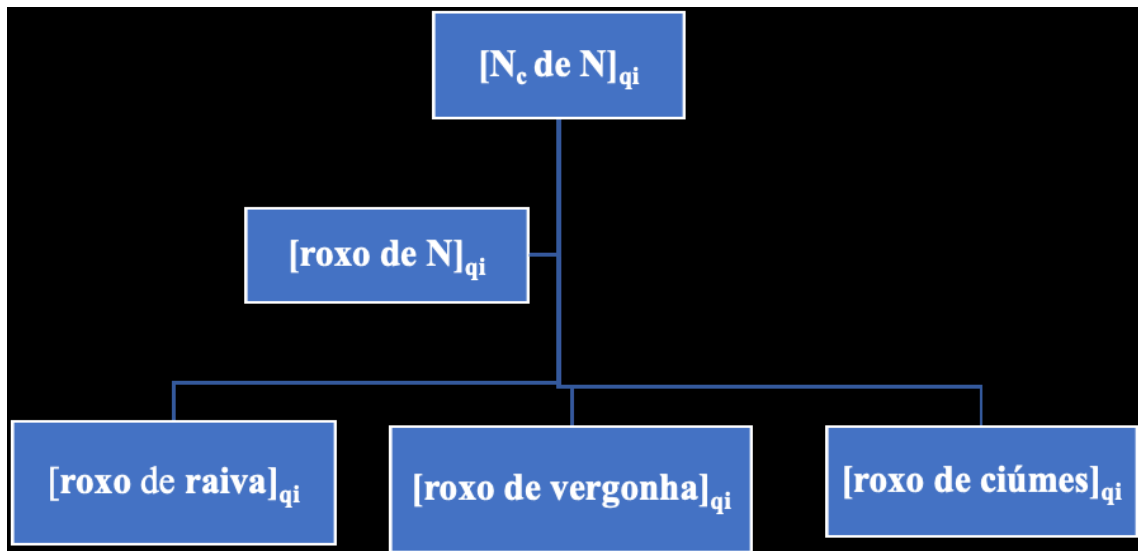
Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 1, apresentamos a frequência *type*, com base no tipo de preenchimento do primeiro *slot* de $[N_c de N]_{qi}$, e também a frequência *token*, a partir dos dados gerais dessas instâncias de uso.

Ainda com base na frequência *type* do adjetivo, podemos observar que o esquema construcional $[N_c de N]_{qi}$, prevê relações simbólicas específicas no pareamento entre forma e

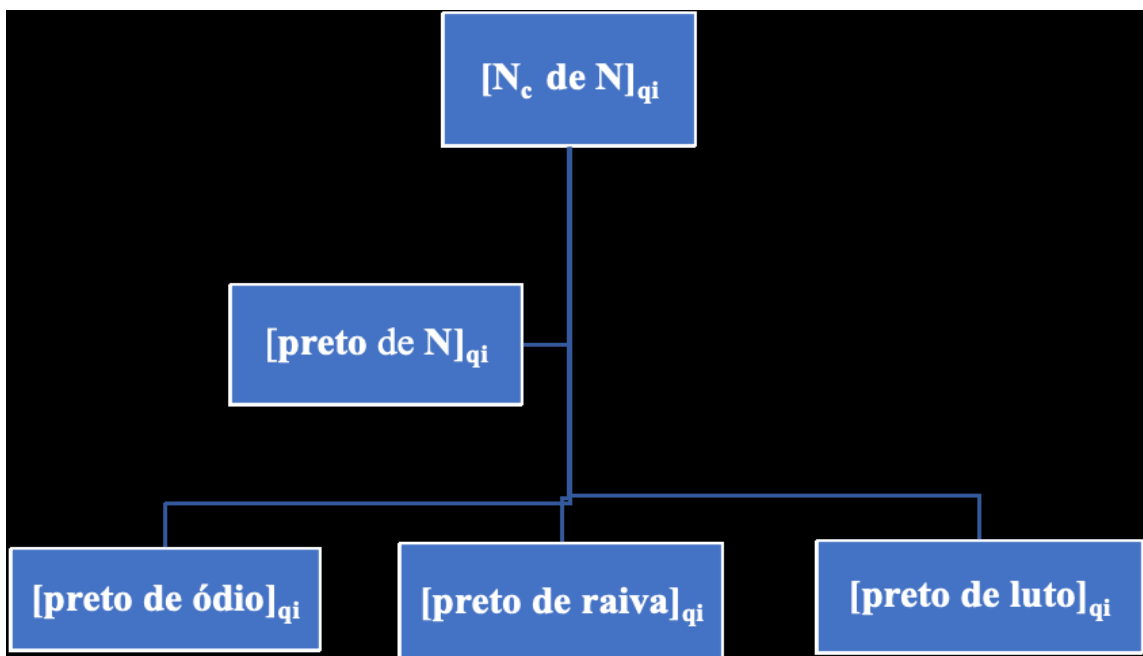
sentido. Sendo assim, o padrão geral $[N_c \text{ de } N]_{qi}$, pode ter as seguintes representações subsquemáticas: $[\text{preto de } N]_{qi}$, $[\text{roxo de } N]_{qi}$, $[\text{azul de } N]_{qi}$, $[\text{branco de } N]_{qi}$, $[\text{amarelo de } N]_{qi}$, $[\text{verde de } N]_{qi}$, $[\text{vermelho de } N]_{qi}$, $[\text{rosa de } N]_{qi}$ e $[\text{laranja de } N]_{qi}$, estando integradas a um significado mais geral e mais esquemático. Conforme podemos verificar nos esquemas a seguir, detectados a partir de nosso levantamento de dados. As microconstruções de cada subsquema foram por nos registradas nos *corpora*:

Figura 1 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$, e a representação do subsquema $[\text{roxo de } N]_{qi}$



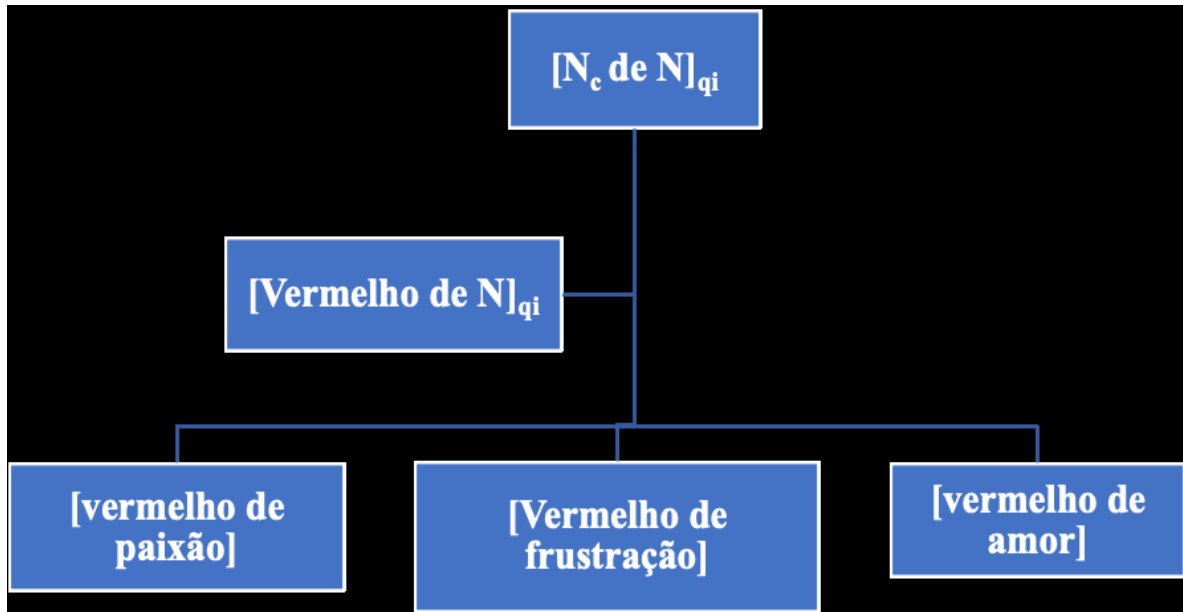
Fonte: A autora, 2020.

Figura 2 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$, e a representação do subsquema $[\text{preto de } N]_{qi}$



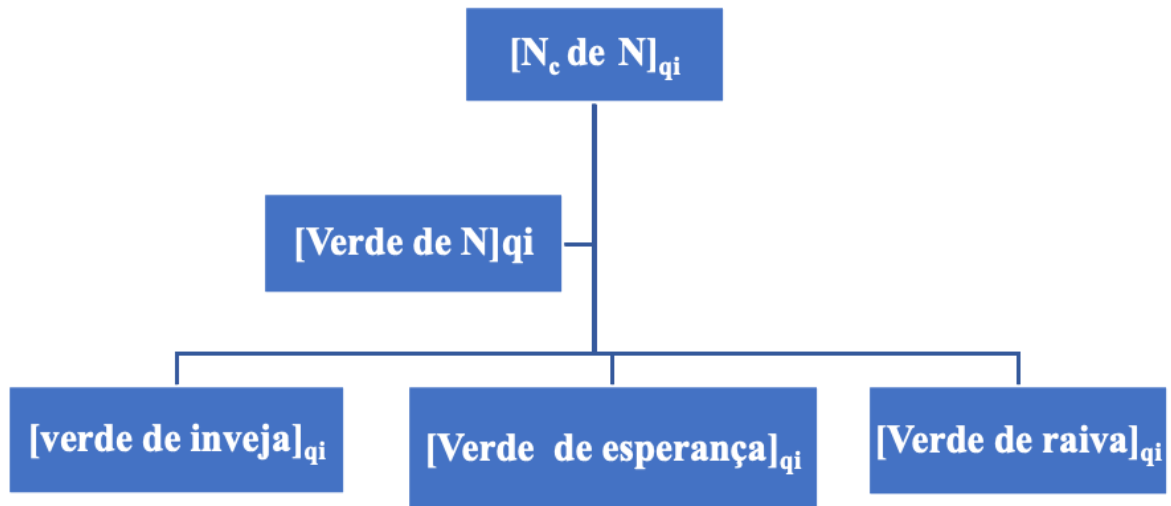
Fonte: A autora, 2020.

Figura 3 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema $[\text{vermelho de } N]_{qi}$



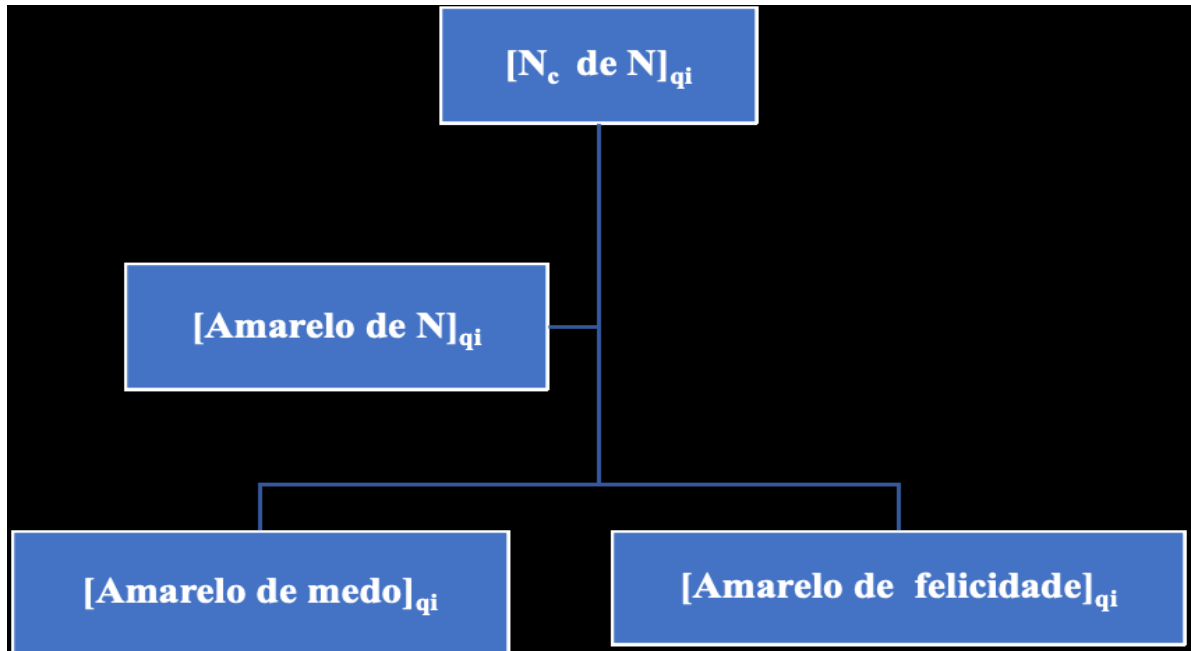
Fonte: A autora, 2020.

Figura 4 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema $[\text{verde de } N]_{qi}$



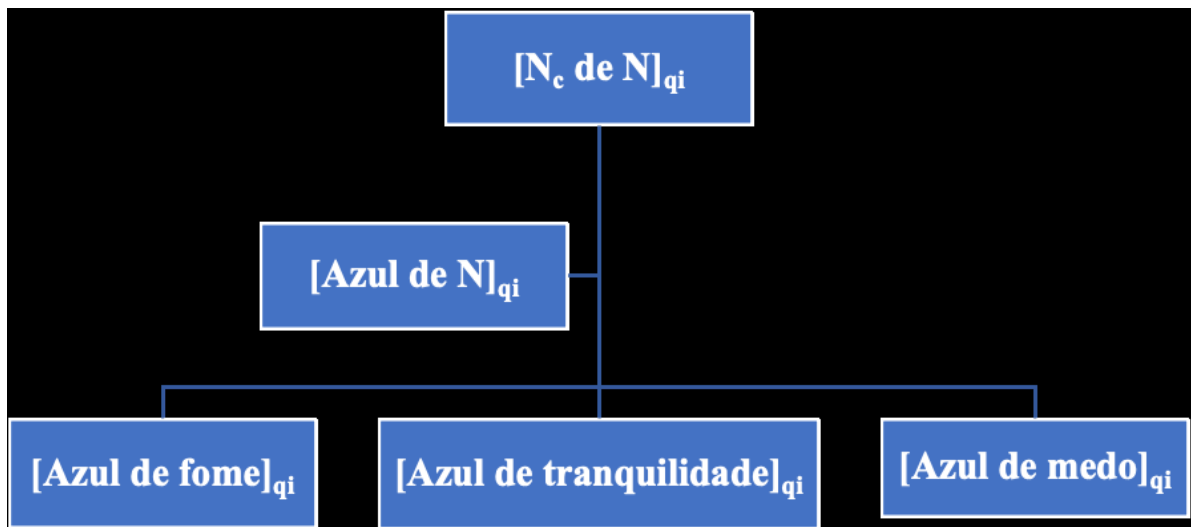
Fonte: A autora, 2020.

Figura 5 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema $[\text{amarelo de } N]_{qi}$



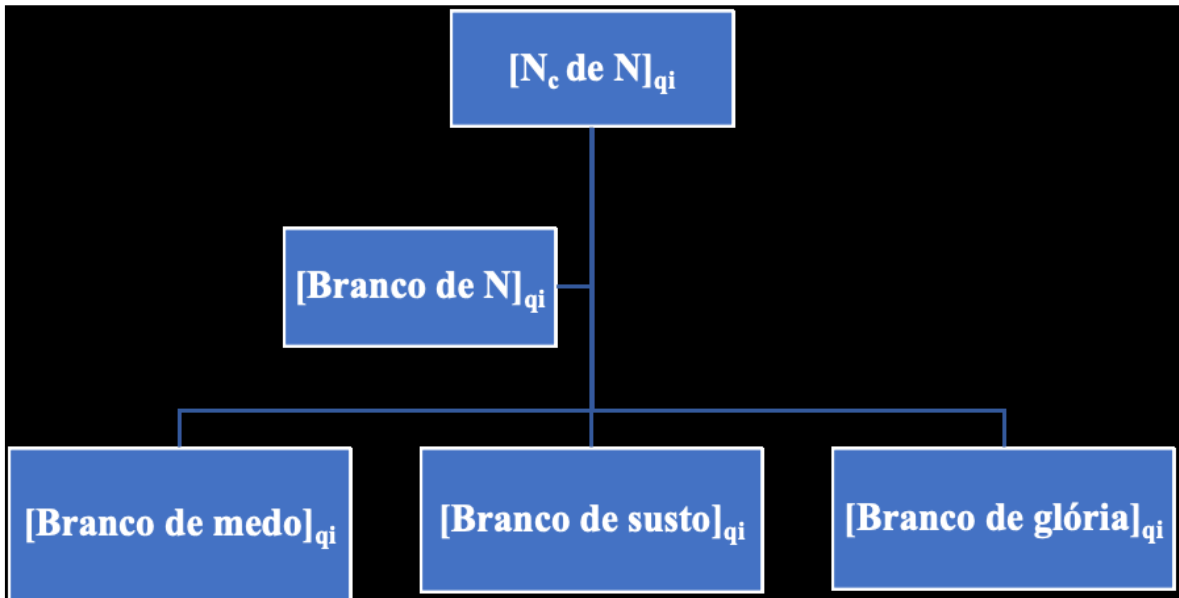
Fonte: A autora, 2020.

Figura 6 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema $[\text{azul de } N]_{qi}$



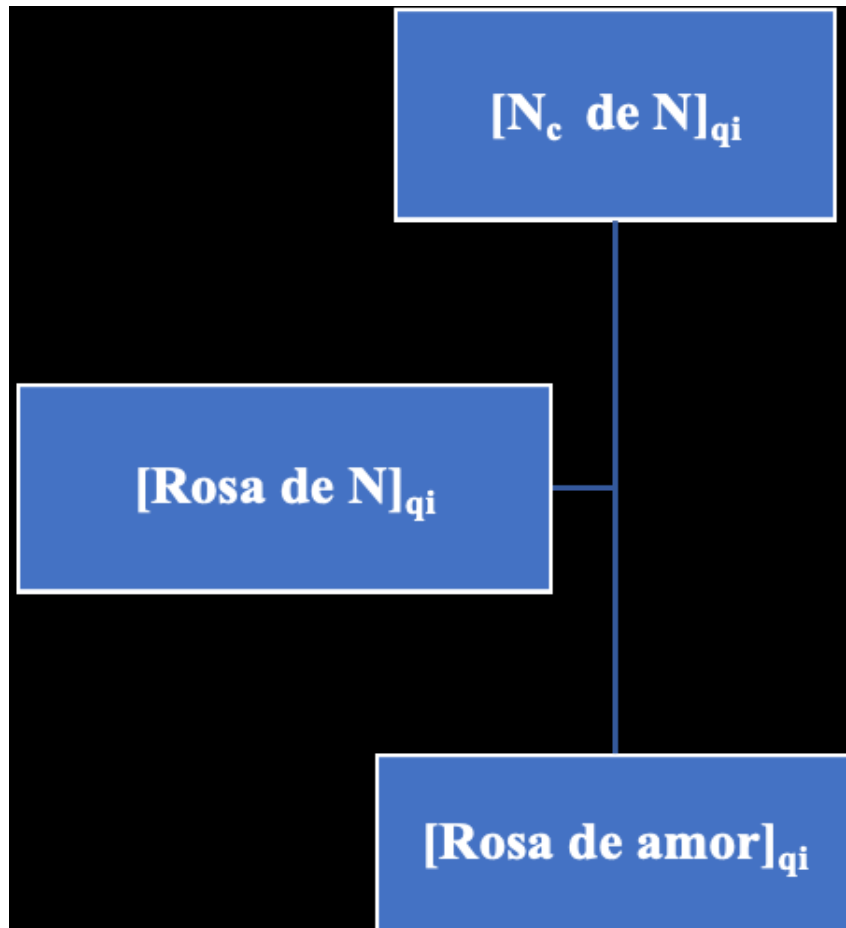
Fonte: A autora, 2020.

Figura 7 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema [branco de N] $_{qi}$



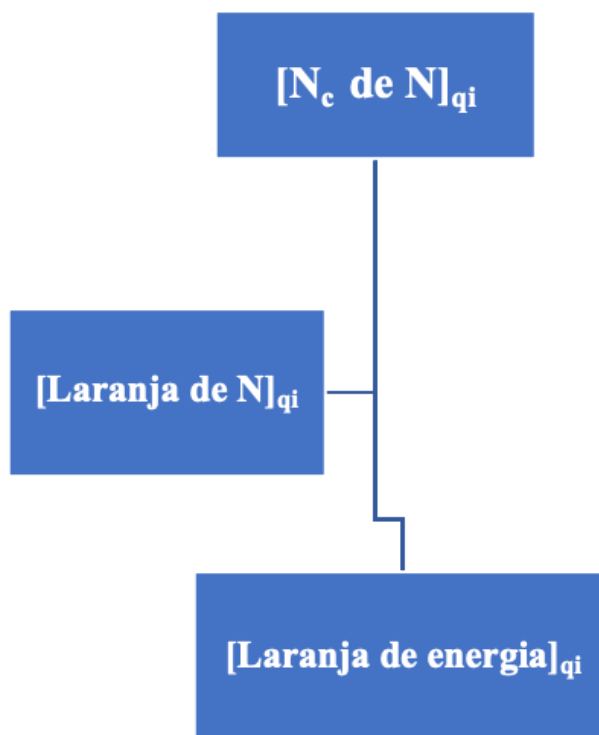
Fonte: A autora, 2020.

Figura 8 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema [rosa de N] $_{qi}$



Fonte: A autora, 2020.

Figura 9 - A construção $[N_c \text{ de } N]_{qi}$ e a representação do subesquema $[Laranja \text{ de } N]_{qi}$



Fonte: A autora, 2020.

Nas figuras de 1 a 9, podemos observar o esquema construcional $[N_c \text{ de } N]_{qi}$, que ocupa a posição mais alta da construção, se articula aos subesquemas instanciados a partir do preenchimento da primeira subparte, com base nas cores roxo, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, branco, rosa e laranja. Esses subesquemas, por conta do efeito cromático específico de cada cor, conferem matizes de sentido distintos ao esquema maior, e, de outra parte, se encontram funcionalmente ainda mais definidos a partir das microconstruções que passam a instanciar.

Apresentamos, no Quadro 4, a seguir, o levantamento das microconstruções levantadas nos corpora, a partir do esquema maior $[N_c \text{ de } N]_{qi}$:

Quadro 4 - A Representação das microconstruções nos corpora

CORPUS DO PORTUGUÊS	TWITTER
Preto de ódio	Preto de ódio
Roxo de cólera	Preto de raiva
Roxo de raiva	Preto de luto
Roxo de ciúmes	Roxo de raiva
Roxo de vergonha	Vermelho de paixão
Roxo de decepção	Vermelho de amor
Roxo de curiosidade	Vermelho de carinho
Roxo de ira	Verde de inveja
Vermelho de frustração	Verde de esperança
Vermelho de despeito	Amarelo de felicidade
Verde de inveja	Azul de medo
Verde de raiva	Branco de susto
Amarelo de medo	Laranja de energia
Azul de medo	
Azul de fome	
Azul de tranquilidade	
Branco de medo	
Branco de glória	
Rosa de amor	

Fonte: A autora, 2020.

Como podemos observar, as microconstruções instanciadas nos *corpora* revelam um leque de possibilidades de preenchimento de ambos os *slots* de $[N_c.deN]_{qi}$. Assim, nossos dados permitem ver no uso da língua um desbotamento das subpartes envolvidas, que se destituem de traços da categoria fonte, mais objetivos e referenciais, para, na formação de um *chunk*, nos termos de Bybee (2016), atuarem em prol da articulação de sentido de qualificação intensificadora.

Segundo Martelotta e Wilson (2008, p. 81), percebemos que a dinâmica da comunicação vai fazendo com que as palavras tenham sua estrutura e sentido modificado, e nesse processo os modos de dizer vão perdendo sua iconicidade original, dando espaço para usos mais convencionais e menos composicionais.

Assumimos a perspectiva de Bybee (2016), que compara as mudanças linguísticas às dunas de areia, afirmando que estas têm regularidades aparentes de formato e estrutura, entretanto elas apresentam variação entre instâncias individuais. Apesar do formato das dunas parecerem ser fixo, elas são maleáveis e estão em constante mudança.

A partir deste ponto da pesquisa, observamos mais especificamente os contextos de instanciação das construções em estudo. Nesse sentido, ilustramos esses usos a seguir, em torno de *preto*, *roxo*, *verde*, *azul*, *branco*, *vermelho*, *amarelo*, *rosa* e *laranja*:

Preto

- A cor da sujeira, do mau, da negação e do luto.

(27) “Quando estamos tristes tudo fica escuro o coração fica *preto de ódio* não tem muito coisa a fazer a não ser esperar” (Twitter).

Em (27), o locutor transmite suas sensações e impressões da vida, para tanto, utiliza-se também de expressão em torno de cores. Conforme podemos observar nesse uso, o locutor instancia *preto de ódio* para traduzir o intenso sentimento de raiva, de antipatia e de rancor contra uma determinada pessoa.

Roxo

- A cor da violência, da cólera e da penitência.

(28) “João Eduardo coçou desconsoladamente a cabeça. Estava justamente pensando no Nunes, e na sua indignação de devoto, de membro da paróquia, amigo do chantre, apenas lesse o panfleto! E se soubesse que era o seu escrevente que o compusera, com as penas do cartório, no papel almaço do cartório... Via-o já *roxo de cólera* alçando sobre o bico dos sapatos brancos a sua pessoa gordalhufa, e gritando na voz de grilo – fora daqui, pedreiro-livre, fora daqui – Ficava eu bem arranjado disse João Eduardo muito sério, nem mulher, nem pão!” (Corpus do Português)

Em (28), podemos reconhecer, nesta narrativa, que os impulsos e os sentimentos de João Eduardo foram influenciados pelas situações vividas pelo personagem e expressos também pelo uso de *roxo de cólera*.

A cor roxa, no fragmento ilustrado, revela nesta encenação o desequilíbrio emocional de João Eduardo diante da insatisfação das atitudes de seu empregado, levando-o a um sentimento intenso de aborrecimento e cólera. Ademais, devemos lembrar que roxo é uma das cores litúrgicas na Igreja Católica e que é usada nos paramentos dos sacerdotes e na decoração da igreja, tendo para os católicos o significado de melancolia e penitência, como podemos observar nas igrejas durante o período da Quaresma.

Verde

- A cor da natureza, da saúde, da esperança, da inveja e da raiva.

(29) “Ele é sortudo, achou a mulher que o faz feliz. Por trás de um grande homem há sempre uma esposa capaz, meiga e que o faz feliz, Parabéns Michele pela homenagem. Fiquei até *verde de inveja*” (Twitter).

A cor verde, em (29), é associada à inveja, demonstrando ser esse sentimento habitualmente expresso nas relações dos seres humanos. De acordo com o fragmento acima, o usuário do Twitter demonstra cobiça à felicidade da mulher homenageada (Michele), por ser uma pessoa qualificada e competente, ou seja, possuidora dos atributos que causam o sentimento de inveja de outros, por não terem as mesmas qualidades.

Azul

- A cor da harmonia, da calma, da tranquilidade e do Medo.

(30) “Olhando quem tava colando, teve uma HR, q ele me viu mexendo no celular, eu fiquei até *azul de medo* de ele falar pra prô”.(Twitter)

A cor azul, por ser uma cor fria, pode transmitir as sensações de frio e medo. Tomando como exemplo a ocorrência *azul de medo*, podemos perceber esse aspecto negativo na sensação de medo do estudante, que poderia ser surpreendido mexendo no celular em horário de prova.

Branco

- A cor da perfeição, do bem, da inocência, da leveza, da glória, dos espíritos e dos fantasmas.

(31) “As pessoas costumam aumentar esse tipo de relato, mas como o meu ex-colega que é negro chegou *branco de susto* na van eu julgo que tenha sido verídico kkkk” (Twitter).

A cor branca é classificada como ausência de cor e, por isso, associa-se aos aspectos da alma e do espírito. Em (31), tem-se o comentário de um usuário do Twitter do acontecido com um ex-colega, que, ao invés de se apresentar em sua cor natural (negro), tinha um aspecto pálido e descorado de susto.

Vermelho

- A cor da paixão, do sangue, da vida, das correções, da frustração, da agressividade, e da guerra.

(32) “Lemuel ficou mudo. Ele levantou-se, rigidamente, como se estivesse com dor. Jerede também levantou-se do chão. Os dois homens encaravam um ao outro na praia. O rosto de Lemuel *vermelho de frustração*; o de Jerede resplendente com uma nova convicção.—Então agora você, Jerede! Jogando sua vida fora tão jovem, tão promissor—ele respirou fundo e soltou um suspiro exasperado.—Eu tinha muita esperança investida em você”. (Corpus de Português –<http://aosseuspes.com/Raiou-uma-Luz/Se-nao-Renunciar-a-Tudo>)

Em (32), *vermelho de frustração* realça o sentimento de inquietação e frustração de Lemuel em relação à conduta de vida de Jerede, articulando sentimento de insatisfação em relação ao modo como o jovem vem conduzindo a sua vida. Assim, reconhecemos que os efeitos cromáticos, neste caso articulado pela cor vermelha, colocam em destaque certos sentimentos naturais dos humanos, como inquietação e frustração.

Amarelo

- A cor do otimismo, da felicidade, da luz e do medo.

(33) “Homi é bixo mole mesmo viu, fui toma minha vacina e pá, levei o Gabriel aí a muie disse q ele tinha q toma pq tava atrasado uma dose. Ele já começou a me olhar com aquele sorrisinho *amarelo de medo* e a mão dele segurando no short com medo de levar injeção” (Twitter).

Amarelo de medo, em (33), representa o medo, mas articula sentido diferente em relação, por exemplo, *a azul de medo*, pois a cor amarela é quente, e, por isso, destaca a sensação de calor e algo vibrante.

Rosa

- A cor do amor, da suavidade e da feminilidade.

(34) “Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha! E tu no entanto no jardim vagavas, *Rosa de amor*, celestial Maria.. Ai! como esquiva sobre o chão pisavas, !Ai! como alegre a tua boca ria. E tu no entanto no jardim vagavas. Era a estrela transformada em virgem! Eras um anjo, que se fez menina! Tinhas das aves a celeste origem. Tinha da lua a palidez divina. Eras a estrela transformada em virgem! Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto. Que bela rosa! Que fragrância meiga!” (Corpus do Português)

Como observamos em (34), a cor rosa representa a cor das emoções, dos afetos, da compreensão e do romantismo, demonstrando os sentimentos relacionados ao coração, como o amor verdadeiro. Assim, podemos reconhecer que a cor rosa significa a inocência, a pureza, a fragilidade e o mundo mágico vivido pelas meninas.

Laranja

- A cor do vigor, da energia, da alegria e do otimismo.

(35) “Meu amor, desejo que os dias sejam de muito... amarelo de felicidade, azul de tranquilidade, rosa de amor, vermelho de paixão, verde de esperança, *laranja de energia*, branco de paz. Que sua vida seja sempre colorida, repleta de coisas boas” (Twitter).

Assim, como forma de sintetizar e ilustrar como as cores afetam as nossas emoções e a nossa razão, elaboramos o quadro a seguir para descrever como esses efeitos cromáticos estão inseridos no dia a dia dos seres humanos:

Quadro 5 – A representação das cores e das emoções

CORES	EMOÇÃO/RAZÃO
PRETO	A cor da sujeira, do mau, da negação e do luto.
ROXO	A cor da violência, da cólera e da penitência de acordo com o ritual da igreja Católica.
VERDE	A cor da natureza, da saúde, da esperança,

	da inveja e da raiva.
AZUL	A cor da harmonia, da calma, da tranquilidade e do medo.
BRANCO	A cor da perfeição, do bem, da inocência, da leveza, da glória, dos espíritos, dos fantasmas e do medo.
VERMELHO	A cor da paixão, do sangue, da vida, das correções, da agressividade e da guerra.
AMARELO	A cor do otimismo, da luz, da felicidade e do medo.
ROSA	A cor do amor, do carinho, da suavidade e da gentileza.
LARANJA	A cor do vigor, da energia, da alegria e do otimismo.

Fonte: A autora, 2020.

De acordo com o Quadro 5, podemos depreender que as cores são mediadas pela sua representatividade no mundo, assim observamos os efeitos cromáticos a elas associados. Conforme podemos verificar nos exemplos a seguir:

(36) “João Eduardo coçou desconsoladamente a cabeça. Estava justamente pensando no Nunes, e na sua indignação de devoto, de membro da paróquia, amigo do chantre, apenas lesse o panfleto! E se soubesse que era o seu escrevente que o compusera, com as penas do cartório, no papel almaço do cartório... Via-o já *roxo de cólera* alçando sobre o bico dos sapatos brancos a sua pessoa gordalhufa, e gritando na voz de grilo – fora daqui, pedreiro-livre, fora daqui – Ficava eu bem arranjado disse João Eduardo muito sério, nem mulher, nem pão!” (Corpus do Português).

(37) “A resposta de Alexandre Garcia foi para deixar qualquer um *roxo de vergonha*, enfiar a viola no saco e se mancar, mas não essa tralha de Globolixo, esses não sentem vergonha de nada. A sensibilidade e caráter passaram longe deles” (Twitter).

Em (36) e (37), os locutores se utilizam das expressões *roxo de cólera* e *roxo de vergonha* para a caracterização intensificadora do estado emocional de Nunes (no exemplo 36) e qualquer indivíduo (no exemplo 37). Assim articulados, esses construtos se configuram como um *chunck*, num todo de conteúdo e forma que qualifica e intensifica, intersubjetivamente, os sentidos articulados.

(38) “Eu duvido muito que qualquer gotinha sequer de perdigoto tenha saído da minha boca, mas mesmo se tivesse acontecido, ela jamais poderia fazer isso da maneira que fez. Eu fui obrigado a me aproximar dela para tentar fazer com que ela me ouvisse, não falei no ouvido dela porque quis. Depois dessa virei às costas, agradei e fui embora, *roxo de raiva*” (*Corpus do Português*).

(39) “eu não apoio o Lula, muito menos sou petista ou algo do tipo, mas to adorando todo esse circo, pq eu só to imaginando o qão o Bolsonaro deve tá *roxo de raiva* e isso me faz feliz”. Bolsonaro infeliz = minha felicidade (Twitter)

Em (38) e (39), *roxo de raiva* é instanciado para qualificar o estado emocional de pessoas do locutor, no fragmento (38), e Bolsonaro, no fragmento (39). Trata-se, na verdade, em ambos os casos, da apreciação subjetiva do locutor, que convida o interlocutor a partilhar essa impressão intensificadora de sentido negativo.

(40) “(...) Tio Laudônio se adianta, *roxo de curiosidade profissiona*l – Como é que você fez, que é disse? (AS) (Dicionário de Lexicografia).

Em (40), observamos uma sequência na qual o processo de intensificação é evidenciado pela caracterização de aspecto psicológico do personagem Tio Laudônio, destacado intersubjetivamente como *roxo de curiosidade profissiona*l.

(41) “Lemuel ficou mudo. Ele levantou-se, rigidamente, como se estivesse com dor. Jerede também levantou-se do chão. Os dois homens encaravam um ao outro na praia. O rosto de

Lemuel *vermelho de frustração*; o de Jerede resplendente com uma nova convicção. – então agora você, Jerede! Jogando sua vida fora tão jovem, tão promissor – ele respirou fundo e soltou um suspiro exasperado. –Eu tinha muita esperança investida em você" (*Corpus do Português*).

Em (41), o construto *vermelho de frustração* se instancia nesse trecho descritivo como a aparência do rosto de Lemuel em relação ao de Jerede, contrastando o estado emocional de ambos os personagens.

(42) “Era meu sonho. Vestir a camisa do time que amo e defende-lo dentro do campo. Eu não consegui, mas outros conseguiram e seguiam com o sonho vivo. Mas hj não mais. Hj eu sou realmente rubro-negro: *Vermelho de paixão e raiva, Preto de luto*”. (Twitter).

Em (42), o locutor se utiliza de *vermelho de paixão e raiva* para a expressão intensificadora do seu estado emocional. Assim organizado, esse construto se configura num *chunk*, num todo de conteúdo e forma que qualifica, sob o ponto de vista do enunciador, seu estado emocional. E a qualificação intensificadora tem sequência com a instanciação de *preto de luto*, concorrendo para que se transmita ao interlocutor o exagero do estado emocional do locutor.

(43) “Ele é sortudo, achou a mulher que o faz feliz. Por trás de um grande homem há sempre uma esposa capaz, meiga e que o faz feliz, Parabéns Michele pela homenagem. Fiquei até *verde de inveja*” (Twitter- Busca avançada).

(44) “*Verde de inveja, roxo de raiva, azul de fome*. Já parou para pensar o significado das cores pelo mundo?” (*Corpus do Português*).

Em (43) e (44), por intermédio do construto *verde de inveja*, o locutor qualifica de forma intensa um estado emocional. Nesse arranjo, relacionam-se a cor verde ao sentimento de inveja, na criação de um todo de forma e sentido que busca, intersubjetivamente, a adesão do ouvinte.

(45) “o menino apavorado se encolhia num desvão de pedra, *amarelo de medo*” (Dicionário: uma introdução à lexicografia – *Corpus do Português*).

(46) “Verdevaldo perde até a cor uma hora dessas, já deve estar *amarelo de medo* em pensar que a qualquer momento pode receber uma visita da policial federal...” (Twitter).

Em (45) e (46), os dois construtos em *amarelo de medo* atuam em prol da caracterização intensificadora do aspecto fisiológico do menino em (45) e de Verdevaldo em (46). Assim articulados, esses construtos se configuram num *chunk* que concorre para a caracterização de traços mais abstratos de ambos os personagens.

(47) “Minhas provas nem começaram ainda e eu já to *azul de medo* de cada uma”. (Twitter).

(48) “tinha um doido dentro do ônibus batendo palma e batendo nos bancos depois veio e sentou do meu lado, fiquei *azul de medo*”.

Em (47) e (48), a microconstrução *azul de medo* é instanciada em orações formadas por verbo de ligação: *estar*, em (47), e *ficar*, em (48). No primeiro caso, temos a representação circunstancial do fato (*estar com medo*), no segundo, uma mudança de estado (*ficar com medo*). Essas ocorrências conferem ao discurso um valor metafórico, uma vez que revelam subjetividade e intensificam o efeito de sentido veiculado em ambos os fragmentos. Assim articulados, esses construtos se configuram num *chunk* que concorre para o incremento da qualificação instaurada.

Outras algumas amostras aqui estudadas também ocorrem em orações com verbo de ligação. Sendo assim, esses verbos exprimem ideia de estado, ligando o sujeito às suas características.

Assim, com base nessas microconstruções analisadas, podemos perceber que as cores e os seus efeitos podem influenciar as escolhas dos indivíduos, afetar as suas emoções e chamar a atenção dos usuários da língua de uma forma expressiva. Ademais, todos os padrões de uso que levantamos estão relacionados ao contexto, e por isso, atuam também para a atenção, inspirar as emoções e apresentar-se no discurso de uma forma positiva ou negativa.

No quadro a seguir, trazemos o levantamento.

Quadro 6 – A relação das cores com efeitos de sentimentos (positivo ou negativo)

CORES	SENTIMENTOS	VALORES
ROXO	RAIVA, CÓLERA	NEGATIVO
PRETO	RAIVA, ÓDIO	NEGATIVO
VERMELHO	PAIXÃO, FRUSTRAÇÃO	POSITIVO/NEGATIVO
VERDE	INVEJA, ESPERANÇA	POSITIVO/NEGATIVO
AMARELO	MEDO, FELICIDADE	POSITIVO/NEGATIVO
AZUL	CALMA, MEDO, TRANQUILIDADE	POSITIVO/NEGATIVO
BRANCO	MEDO E GLÓRIA	POSITIVO/NEGATIVO
ROSA	AMOR	POSITIVO
LARANJA	ALEGRIA	POSITIVO

Fonte: A autora, 2020.

Com base no Quadro 6, verificamos em nossos dados que as cores *roxa*³ e *preta* tendem a articular sentido negativo, já as cores *rosa* e *laranja*, sentido positivo, enquanto as cores *vermelho*, *verde*, *amarelo*, *azul* e *branco* podem expressar tanto efeitos positivos quanto efeitos negativos. Tais efeitos se dão pelo fato de que as cores exaltam as condições corporais dinâmicas que determinam os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Ademais podemos observar que as implicações cromáticas estão associadas ao conhecimento cultural de cada indivíduo em determinada localidade. Sendo assim, podemos destacar que, no português brasileiro, as cores *preta* e *roxa* estão associadas às reações negativas, uma vez que a cor *preta* representa a cor da sujeira, do mau, da negação e simboliza o luto. Já a cor *roxa* caracteriza a violência e a penitência, de acordo com o ritual religioso.

Quanto ao sentido positivo das cores *rosa* e *laranja*, podemos acrescentar que a cor *rosa* corresponde às manifestações afetivas de carinho, aspecto de suavidade e de gentileza. Já a cor *laranja* ressalta o aspecto de vigor, de energia, de alegria e de otimismo.

Ainda nessa dinâmica dos efeitos cromáticos, podemos observar que as cores *vermelha*, *verde*, *amarela*, *azul* e *branca* podem expressar tanto reações positivas e quanto negativas, como a seguir:

³ Temos também em nossos dados “roxo de curiosidade” que apresenta valor neutro.

- a) **Vermelho** – aspectos positivos da paixão, a cor do sangue, da vida, das correções, mas também caracteriza a cor da guerra (sangue) e da agressividade;
- b) **Verde** – a natureza, a saúde e a esperança, mas também a inveja e a raiva;
- c) **Amarelo** – a luz e o otimismo, por vezes o ciúme;
- d) **Azul** – sentidos de harmonia e de tranquilidade, mas também representações de frio e medo;
- e) **Branco** – a perfeição, o bem, a inocência e a leveza, além dos fantasmas e dos espíritos.

Nessa direção, podemos também considerar que as cores quentes são estimulantes e produzem as sensações de calor, proximidade e densidade. Em contraste as cores frias parece nos transmitirem as sensações de frio, de distância e leveza. Vejamos na ilustração a seguir:

Figura10 - A representação simbólica das cores quentes e frias



Fonte: A autora, 2020.

De acordo com a Figura 10, podemos dizer que as cores quentes derivam do vermelho alaranjado e as cores frias do azul esverdeado. A partir desses efeitos cromáticos, podemos perceber que cada cor, dependendo do contexto de uso que está inserida, pode articular sentidos mais ou menos distintos. As cores têm o poder de atingir emocionalmente a atenção dos falantes por sua expressividade e por ser um elemento de fácil assimilação.

Em relação à construção objeto de nosso estudo, também podemos observar que se divide em dois grupos. Há microconstruções mais gerais e produtivas, e outras mais esporádicas e específicas. O Quadro 7 a seguir ilustra nosso comentário:

Quadro 7 - Contexto de uso das microconstruções (geral ou específico)

GERAL	QUANTIDADE	ESPECÍFICO	QUANTIDADE
Preto de ódio	17	Roxo de curiosidade	01
Roxo de raiva	15	Preto de luto	01
Roxo de vergonha	15	Roxo de ira	01
Vermelho de paixão	15	Roxo de cólera	01
Verde de inveja	13	Roxo de ciúmes	01
Amarelo de medo	16	Vermelho de frustração	01
Azul[de fome	16	Vermelho de despeito	01
Branco de susto	15	Vermelho de amor	01
		Vermelho de carinho	
		Verde de raiva	01
		Amarelo de felicidade	01
		Azul de tranquilidade	01
		Branco de glória	01
		Rosa de amor	01
		Laranja de energia	01

Fonte: A autora, 2020.

Em relação ao Quadro 7, podemos considerar que as microconstruções analisadas têm produtividade distinta. Num contexto mais geral, ou mais utilizado no dia a dia, como é o caso de *azul de fome* e *verde de inveja*, e num contexto específico ou menos frequente, como é o caso de *preto de raiva* ou *azul de tranquilidade*.

Como forma de sintetizar a análise $[N_c de N]_{q_i}$ no português contemporâneo, apresentamos o Quadro 8, que resume resultados obtidos em nosso levantamento e análise:

Quadro 8 - Panorama geral das microconstruções qualificadora de grau

<i>Types</i> Específicos	Produtividade dos construtos	Ocorrências Nº	Modalidade	Gênero do Discurso	Registro de fala
Preto	Preto de ódio	17	Falada	Informal	1º pessoa
Roxo	Roxo de ira	37	Escrita	Literário	3º pessoa
Vermelho	Vermelho de paixão	16	Falada	Informal	1º pessoa
Verde	Verde de inveja	17	Falada/Escrita	Informal	3º pessoa
Amarelo	Amarelo de medo	16	Falada/Escrita	Informal	1º pessoa
Azul	Azul de fome	17	Escrita	Informal	1º pessoa
Branco	Branco de glória	17	Escrita	Informal	3º pessoa
Rosa	Rosa de amor	01	Escrita	Literário	2º pessoa
Laranja	Laranja de energia	01	Falada	Informal	1º pessoa

Fonte: A autora, 2020.

Com estes resultados esperamos atestar que as instâncias da $[N_c de N]_{qi}$ concorrem para a articulação de efeitos de sentido voltados para a qualificação e a intensificação. Em termos de produtividade, o Quadro 8 nos mostra cada microconstrução mais produtiva em cada subesquema, a partir da primeira subparte de $[N_c de N]_{qi}$. Esse quadro indica ainda que contextos de maior informalidade favorecem esses usos, que, via de regra, qualificam intensamente a primeira ou terceira pessoas do singular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar as construções adjetivas com cores no português contemporâneo. Sendo assim, primeiramente fizemos uma revisão sobre adjetivos, a partir de como estão descritos em manuais de cunho prescritivista e verificamos os seguintes aspectos: (i) o significado atribuído ao adjetivo, (ii) os atributos de classificação de ordem sintática, semântica ou de outra ordem, (iii) as definições apresentadas. Dessa forma, avaliamos esses mesmos aspectos nas gramáticas descritivas.

Assim, observamos, nos compêndios tradicionais, que os autores Cunha e Cintra (1985) e Ribeiro (2007) classificam o adjetivo como modificadores, já Rocha Lima (1996) e Bechara (2009) indicam seu caráter restritivo e delimitador, respectivamente.

Quanto às gramáticas descritivas, Castilho (2010) afirma que o adjetivo funciona como núcleo do sintagma adjetival, Raposo declara que tal classe de palavra exprime propriedades caracterizadoras das entidades do universo do discurso, linguisticamente representado por nomes, e Neves declara que o adjetivo pode exercer funções que são próprias do substantivo.

Em seguida, comentamos acerca da noção de grau do adjetivo, que pode ser empregada para apontar a dimensão ou a intensidade de algum elemento que transpassa os limites do que se considera normal.

Desse modo, depreendemos que a expressão de grau é, em inúmeros casos, efeito de projeção metafórica. No nosso caso específico, vincula-se o nome de uma cor a um SPrep que, a princípio, constitui a causa de um estado, para, juntos, formarem um *chunk*, um todo de forma e sentido na expressão de qualificação intensificadora. Nesse contexto, descrevemos as instâncias de *types* como *roxo de decepção*, *branco de medo* e *azul de fome*, apoiados na perspectiva teórica da LFCU.

Para realizar as análises selecionamos como *corpora* o Corpus do Português e o *Twitter*, num levantamento de dados em viés qualitativo e quantitativo. Procuramos demonstrar os processos de qualificação e intensificação articulados pelas instâncias de usos da $[N_c.deN]_{qi}$.

Outro fator importante no que diz respeito ao adjetivo que forma esse esquema são os efeitos cromáticos, uma vez que as cores estão associadas ao conhecimento e ao universo cultural da comunidade linguística. Nessa direção, constatamos que os sentidos das cores não

são exatos e únicos, pois a língua tem uma dinâmica que varia conforme o tempo e o contexto no qual está inserida.

Vimos que a $[N_c de N]_{qi}$ é um esquema, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), que se desdobra em subesquemas, na base do preenchimento do primeiro *slot*. A partir daí, cada subfamília desdobra-se em microconstruções, que passam a ser motivadas e instanciadas por conta de pressões ao nível discursivo-pragmático.

Observamos que a produtividade dos *types* específicos da $[N_c de N]_{qi}$ também é relativa. Essas microconstruções podem aparecer na língua com uma frequência maior de ocorrência, como é o caso das microconstruções com a cor roxa, ou com uma frequência menor de ocorrência, como é o caso das cores rosa e laranja.

Diante dessas reflexões, podemos comprovar que a construção $[N_c de N]_{qi}$ apresenta-se como uma nova forma e sentido novo, tornando-se um novo nó na rede, apresentando novo conteúdo e novo formato pertencente à classe dos qualificadores intensificadores compostos.

Com certeza, muito ainda há por ser investigados nos estudos das construções adjetivas com cores no português brasileiro contemporâneo. Mas, por meio desta dissertação, acreditamos ter avançado um percurso dessa trajetória, já que fundamentamos por meio do esquema construcional e exemplos que certificam um processo de mudança: de um uso mais concreto, com o adjetivo (cor) na função principal de adjetivo para um uso mais abstrato, concorrendo para intensificar os sentidos articulados.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. *O léxico, testemunho de uma cultura*. Actas do 19º Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Corunã.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de Linguística*, 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 164.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F. da; LACERDA, P. F. A. C. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, p. 17-46.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GIVÓN, T. *Syntax: A functional-typological introduction*. Vol. 2. Amester: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: nature of generalization in language*. Oxford: University Press, 2006.

_____. *Construction: a construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HILMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or Orthogonal? In Bisang Hilmelmann & Wiemer (ed), 2004.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Geim. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LIMA, C. H. R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. C. In: *Linguística Centrada no Uso- teoria e método*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 75.

NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018.

_____. *Gramática de Usos do Português*. Neves – 2.ed.- São Paulo: Editora Unesp. 2011.

RAPOSO, E. B. P; NASCIMENTO, M. F. B. do; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

REVISTA Trama. Volume 10 – número 20. 2º Semestre de 2014.

RIBEIRO, Manuel Pinto. *Gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 17ed. Revisada e Ampliada. Rio de Janeiro: Metáfora, 2007.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online) v. 60 p. 233-259, 2016.

SILVA, J. R; BISPO, E. B. Morto de inveja: A Construção [X de (Adv) Y]_{Intens}, no prelo.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. (De)gramaticalização e unidirecionalidade. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs). *Linguística Centrada no Uso – teoria e método*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2015, p. 74-85.

_____. *Aspectos semântico-cognitivos da intensificação*. In: Gragoatá, Niterói. N.21, p. 201-218, (2). 2006.

SIMÕES NETO, N. A. *O Padrão [[X]_N de Taubaté]_N no Português Brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional*. Diadorim, Rio de Janeiro, V. 21, n.2, 265-290, 2019.

_____. *Compostos com síndrome e complexo no Português Brasileiro: Uma abordagem construcional*. Fórum Linguístico, V. 15, p. 3373- 3394, 2018.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E; TROUDADE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WILSON, V; MARTELOTTA, M. E. In *Manual de Linguística*. São Paulo: contexto, 2008, p. 81.

ZAVAGLIA, C.: MARTINS, S. C. *Léxico e Cores: As expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical*. *Revistas Trama*, V. 10 nº 20 (2), 2014.

_____. *Dicionário e cores*. Alfa, São Paulo, 50 (2), p. 25-41, 2006.